ASSIS CINTRA

Os Escândalos de Carlota Joaquina

Rainha do Brasil e Portugal

Assis Cintra

Os Escândalos de Carlota Joaquina

Rainha do Brasil e Portugal

Edição Digitalizada
2019

Edição Completa
Fiel ao Original

Digitalização, capa, composição
e notas adicionais por

L Vallejo – 2019

CAPA:
digitalização da
capa da edição original de 1934

http://cloneclock.blogspot.com.br/

Índice

Nota do Digitalizador

Circula na Internet uma versão deste livro totalmente alterada, com substituição de frases inteiras, eliminação de termos usados pelo autor, inserção de prefácio de outro livro, falta de páginas e dos oito capítulos finais.

A presente edição tem a intenção de trazer a público a cópia FIEL e COMPLETA do livro, sem cortes e sem inserções, inclusive, em respeito ao autor, com todos os termos usados por este ao escrever a obra.

Somente foi feita uma atualização da grafia de certos vocábulos (ex: *pharmacia* – farmácia) e colocadas algumas notas explicativas que não constam do original.

Uma fumaça...

de história e novela

Prólogo

Filha de Carlos VI, então infante, e de Maria Luiza de Parma, a desventurada Carlota Joaquina de Bourbon, que foi rainha de Portugal e Brasil, nasceu em Madri a 25 de abril de 1775, casando-se aos dez anos de idade, em 1785.

Morreu em 7 de janeiro de 1830.

A vida desta soberana é um verdadeiro romance de aventuras, ora burlescas e amorosas, ora heroicas e trágicas.

Quando foi batizada, achava-se em Madri o famoso feiticeiro universal, José Bálsamo, que também usava os nomes de São Germano, Conde de Cagliostro, Conde de Stephanis, e outros mais. Freqüentara este aventureiro a melhor sociedade de Londres, Paris, Lisboa, Viena e Berlim. A princesa Maria Luiza de Parma, acompanhada do favorito Antonio Godoy, na época muito jovem, foi secretamente à residência do conde nigromante, levando a princesinha para que ele lesse na mão da pequena o seu destino.

Depois da sua costumeira encenação, disse José Bálsamo à mãe de Carlota Joaquina:

- *Senhora, vossa filha será rainha sem coroa, será mulher sem amor, será mártir, martirizando os outros...*

E aí está o resumo da vida de Carlota Joaquina. Pensamos fazer um romance dessa vida e apenas pudemos fazer um punhado de crônicas.

Essas crônicas foram todas elas tiradas de escritores que trataram do assunto: José Prezas, Juliano Rubio, Clemente de Oliveira, Cesar da Silva, a duquesa de Abrantes, Alberto Pimentel e outros.

Visamos apenas distrair por alguns instantes a curiosidade dos leitores.

Isto não é história. E também não é romance. Quem quiser história leia os autores citados. Quem quiser romance, espere por um romancista...

E que é este livro então? É apenas fumaça histórica e novelesca, que irá para aqui e para acolá, à vontade dos leitores, como fumaça que os ventos carregam...

O autor

ഌ൬ഌ൬ഌ൬

1 – Uma Tragédia Nupcial

ARGUMENTO HISTÓRICO

> A troca de princesas como um motivo de aliança política é descrita pelos historiadores de Portugal e Espanha. As festas dos esponsais, que duraram três dias, realizadas em Vila Viçosa, diante das duas cortes - a portuguesa e a espanhola, vem descrita num interessante folhetim de 64 páginas, com o título pitoresco de "Regozijos esponsalícios dos príncipes de Portugal e Espanha". O episódio tragicômico da noite nupcial de D. João e Carlota Joaquina é descrito em versos na sátira intitulada "A gataria em núpcias", atribuída por alguns a Nicolau Tolentino e por outros ao padre José Agostinho. Preferimos acreditar na autoria deste último, por ter sido ele agarrado e agredido por criados da princesa Carlota Joaquina depois da publicação das sátiras acima referidas.

No ano da graça de 1788, a rainha de Portugal, D. Maria Victória, viúva de D. José I, foi a Madri, sua terra natal, em visita ao irmão - o rei Carlos III.

Dessa visita resultou um tratado de paz, selado com dois contratos de casamento. A Espanha daria ao príncipe D. João, neto da rainha Victória, a princesinha D. Carlota Joaquina. Portugal daria ao príncipe D. Gabriel, filho do rei Carlos III, a

princesa D. Mariana Victória, irmã de D. João e neta de D. José I. Era, como se vê, um negócio de família... e também de Estado.

Na época do ajuste, a princesa espanhola tinha 8 anos de idade e a portuguesa apenas 15. Os preparativos para o casamento duraram quase dois anos, pois essas cerimônias dependiam da execução do "*Tratado Político*" assinado pela rainha Maria Victória, de Portugal, e pelo rei Carlos III, da Espanha.

Somente em 17 de março de 1785 é que o conde de Louriçal, ministro português em Madri, pediu oficialmente a mão da princesinha, já então com 10 anos, para o príncipe D. João.

Ao mesmo tempo, o conde Fernan Nunes, embaixador espanhol em Lisboa, com toda a solenidade, pedia a mão da infanta portuguesa D. Mariana Victória, então com 16 anos, para o príncipe D. Gabriel.

Efetuados os dois contratos nupciais, através de procurações dadas aos respectivos embaixadores em Lisboa e Madri, combinou-se que a apresentação das meninas aos respectivos noivos se faria na cidade portuguesa de Vila Viçosa, próxima à fronteira com a Espanha.

Aí, em 8 de maio de 1775 Carlota Joaquina recebia em casamento o príncipe D. João, enquanto Mariana Victória se tornava esposa do príncipe Gabriel. No dia seguinte realizaram-se a confirmação nupcial e a bênção apostólica, dada

pelo cardeal patriarca aos dois casais de príncipes.

Carlota Joaquina casara-se , pois, com 10 anos de idade enquanto que o marido, o príncipe D. João, contava 17 completos.

Os festejos duraram quatro dias, achando-se presentes as duas famílias reais, a de Portugal e a de Espanha, bem como a fidalgaria e a burguesia rica de ambos os países. De dia, realizavam-se festas, torneios, touradas; de noite, reuniões musicais, que naquele tempo se chamavam *serenins*, bailes e representações alegóricas e líricas.

Depois das festas. D. João e Carlota Joaquina, recém-casados, partiram para Lisboa. Mas o príncipe português ia mal humorado, pois em Viçosa, no próprio dia da benção nupcial, explodira um escândalo, dando motivo a falatórios durante muito tempo.

Que escândalo teria sido esse? Como teria estreado na vida de aventuras essa menina de 10 anos, que mais tarde seria rainha de Portugal e do Brasil, e esposa adúltera do sereníssimo e conformadíssimo rei D. João VI?

Seria mesmo escandalosa, aos 10 anos de idade, essa malsinada Carlota Joaquina? Dizem as crônicas antigas e a tradição histórica que sim.

Os artífices portugueses, ajudados por espanhóis e franceses, construíram junto ao pavilhão dos

reis, o dos noivos, no qual, lado a lado, se apreciavam dois lindos aposentos nupciais.

Os mais vistosos estofos, as mais belas sedarias, caríssimas rendas, riquíssimos broquéis, tudo que poderia encantar a vista e agradar o corpo na maciez de um conforto principesco, aí, nesses dois apartamentos vizinhos, podia ser apreciado.

E nessa histórica noite de 9 de junho de 1785, acompanhadas das famílias reais, as duas princesinhas, a de Portugal e a de Espanha, deram ingresso nos respectivos aposentos.

Logo depois, os príncipes foram chamados pelas camareiras e, com o cerimonial do protocolo, penetraram nas alcovas nupciais. E enquanto se fechavam as portas do pavilhão dos noivos, lá fora, no pavilhão das festas, continuava, numa linda canção de amor, o serenim das damas fidalgas e dos nobres cavaleiros das duas cortes reunidas de Portugal e Espanha.

E a cantoria, mesmo de propositada intenção, ali perto dos aposentos nupciais, se baixava em meia voz, e ia morrendo em surdina, como final de um serenim de amor, cantado no dedilhar de guitarras e bandolins.

Eis senão quando, lá do pavilhão nupcial, gritos de mulher aflita, seguidos de um urro retumbante de agoniada dor, se fizeram ouvir, espicaçando a curiosidade dos cavalheiros e damas da sala de festas.

Aos gritos sucederam-se gemidos, e de repente, como um fantasma, um vulto de mulher, em camisa de seda de Veneza e rendaria de Holanda, deixava o pavilhão dos noivos e num relâmpago atingia o pavilhão dos reis de Espanha.

Quem seria? Quem seria? O que seria? Tais eram as interrogações que imediatamente brotaram de todas as bocas cortesãs. E ainda perduravam as interrogações de curiosidade quando surgiu no salão de festa, ofegante e pálida, trêmula e desconcertada, a senhora condessa de Badajoz, açafata[1] da princesa Carlota Joaquina.

Ia, numa pressa nervosa, gaguejando a todo o instante:
- *Onde está o cirurgião-mór*?

E na arquejante gagueira lá foi repetindo a pergunta até que surgiu a figura rubicunda e gordalhuda do cirurgião-mór.

- *Que há, Sra. Condessa*?

- *Depressa, Sr. cirurgião, depressa, que o nosso príncipe D. João está morrendo, esvaindo-se em uma sangueira e a nossa princesa D. Carlota está hirta como defunta no quarto de sua Majestade el-rei de Espanha.*

Lá se foi o cirurgião.
E os cortesãos, aflitos e torturados pela curiosidade, esperaram pela explicação do caso de

[1] Açafata - fidalga a serviço de damas da família real

tamanho escarcéu. Somente muito depois é que o escândalo correu de boca em boca, e a explicação contentou regiamente a curiosidade dos bisbilhoteiros da Corte.

No dia seguinte, a condessa de Badajoz, muito reservadamente, contava o caso ao seu favorito Marquês de Marialva e este o transmitia ao amigo padre José Agostinho de Macedo, de cuja boca ferina e indiscreta Portugal inteiro recolheu a tragédia nupcial do príncipe D. João.

E no famoso convento de Odivelas, do qual era assíduo devoto, o padre narrava o episódio à sua favorita, soror Angelina, entre casquinadas de riso e comentários picantes:

- *Então, meu padre Agostinho, sua alteza o príncipe foi ferido na noite do casamento?*

- *Ora se foi... A condessa de Badajoz, açafata da princesa Carlota Joaquina, ouviu dela própria a história contada tim- tim por tim- tim...*

- *E o padre como o soube*?

- *Pelo Marialva, que o ouviu da açafata condessa de Badajoz. Foi assim: O príncipe D. João, recolhendo-se ao aposento nupcial, quis naturalmente prestar à esposa a mesma homenagem que o cunhado, no aposento vizinho, estava prestando à princesa D. Mariana. Porém, D. Mariana, com 16 anos, mais sabida que a outra, já se conformara previamente com as homenagens próprias de todo o noivado, ao passo que D.*

Carlota Joaquina, menina de 10 anos, ignorando o protocolo e rebelde às conveniências, não esteve pelos autos e pespegou, logo de princípio uma dentada na orelha do marido e, em seguida, aos gritos, meteu o castiçal de prata da cabeceira na testa de D. João, abrindo-lhe uma brecha. Vendo-o ensangüentado, fugiu para o pavilhão dos reis de Espanha, mesmo em camisa de dormir e lá se estatelou num ataque de histeria...

- E agora, padre Zé Agostinho, e agora como vai ser?

- Já está tudo arranjado, soror Angelina. Gente de sangue azul não se aperta por tão pouco. Ficou assentado que sua alteza Carlota Joaquina terá quarto de solteira e recusará a visita do príncipe consorte até completar os 14 anos. É o que consta do ato adicional do casamento, assinado em 12 de maio, dois dias depois da trágica noite nupcial. Isso, naturalmente, só será válido enquanto a princesa o quiser...

- Como é, padre Agostinho?

- É assim mesmo, soror Angelina, porque a princesinha Carlota Joaquina poderá romper o protocolo antes dos 14 anos, tornando-se mulher na amplitude de suas prerrogativas e percalços. Será, apenas, uma questão da sua vontade, quando ela tiver... vontade.

ꙮꙮꙮ

2 – Um Castigo do Diabo

ARGUMENTO HISTÓRICO

> Este episódio foi tirado dos comentários feitos às "Memórias do Padre José Agostinho", comentários publicados em um livrinho de 1885 por José Carlos Brandão.

Carlota Joaquina estava fula de raiva. O príncipe D. João, calmo, bondoso, risonho, procurava acalmá-la. Era inútil, e inútil porque não se acalmam espanholas enfurecidas quando provocadas no seu amor próprio.

E aquele folheto que circulara por todo Portugal e saíra mesmo fora do reino, chalaceando o incidente escandaloso da sua noite nupcial, golpeara fundo o seu amor próprio de mulher e de princesa.

- *E você acha, João, que o que está aí não me ofende*?

O príncipe D. João, olhando a capa do folheto incriminado, respondeu sorrindo:

- *Não vejo ofensa, Carlota.*

Carlota Joaquina tremeu de raiva. Todo o mundo via alusões naquele livrinho, e só o príncipe não via. Ele só, mais ninguém.

- *Então esse título não é escandaloso? Não se refere à nossa noite de núpcias em Vila Mimosa?*

D. João levantou o folheto até o rosto e leu em voz alta:
- "*O gato que cheirou e não comeu*".
- *Aí está a ofensa.*

- *Pois não vejo nada. Isso é bobagem de algum malandro sem eira nem beira. Eu não sou gato, você não é gata, e aqui só há coisas de gato...*

Carlota Joaquina não pôde mais e num ímpeto arrancou o livrinho das mãos do príncipe. Abriu-o ao acaso e espumando de ira, gritou nas bochechas do marido:

- *Pois leia isto.*

D. João aproximou-se e leu os seguintes versos:

Cante-se por toda a parte
A mordida na orelha dada;
A gatinha mordeu o gato
Na noite duma embrulhada.

E o gato que só cheirou,
Miou e miou de dor,
Com uma brecha na cabeça
E nas ventas um fedor.

Reis, príncipes e bispos
Cantai a história berrante
Do gato que só cheirou
E apanhou no mesmo instante.

- *Você viu? Não há alusões?* bramiu Carlota Joaquina.

Mas o príncipe D. João, achando graça nos versos, desandou uma gostosa gargalhada.
- *Quá... quá... quá... quá...*

A princesa então saiu dos aposentos do príncipe, onde se achava, depois de lhe dizer quase em soluços de furor:

- *Pois o caso será resolvido por mim. Você vai ver, João.*

E resolveu de fato. Mandou chamar à sua presença o mordomo do palácio, o famoso João Couto e disse-lhe:

- *Preciso que você me arranje uma pessoa de confiança para um serviço reservado.*

- *Alteza*, respondeu o mordomo, *o meu filho Antoninho é de toda confiança.*

- *Pois que venha falar-me.*

No dia seguinte apareceu no palácio o famoso Couto da Judiaria, rapagão forte, destemido e barulhento. Carlota Joaquina mostrou o folheto e

perguntou-lhe se sabia quem fora o autor daquele pasquim.

- Ora, Alteza, isso é do padre José Agostinho.

- Do orador sacro?

- Esse mesmo, Alteza. Lisboa inteira sabe disso.

- Mas esse padre então é um devasso?

- Esse padre, Alteza, tem mais vícios do que cabelos na cabeça. É devasso, arruaceiro, ladrão, anarquista, indecente...

- Mas é padre. Se não fosse, eu mandaria matá-lo. Como é padre, quero apenas castigá-lo.

- Com uma surra, Alteza?

- Não. A surra é uma vingança banal. Que castigo você se lembraria de dar a um padre indecente?

- Se Vossa Alteza me permite a liberdade, eu falaria.

- Pois fale.

- Alteza, o rei D. Pedro I de Portugal, antepassado do príncipe vosso esposo, numa ocasião, quis castigar o bispo do Porto, que era um devasso. Mandou expô-lo nu, depois de chicoteá-lo, no largo da Sé, aos olhos da plebe.

- Mas isso não é o bastante. Eu quero mais. Ouça, Couto, pegue com o auxílio de alguns criados do Paço esse padre indecente, dê-lhe uma surra de chicote nas nádegas, aplique um clister de pimenta do reino, e solte-o nu no bairro das marafonas[2]

E assim foi castigado o padre José Agostinho de Macedo, famoso escritor e orador sacro de Portugal e ao mesmo tempo famigerado devasso e rival de Bocage[3] em poesias obscenas.

O Antônio Couto, acompanhado de criados do Paço, cumpriu as instruções da princesa Carlota Joaquina. O padre José Agostinho, solto nu na via pública, pulando de dor em conseqüência do clister de pimenta, foi socorrido pela atriz Maria da Luz, cômica do Teatro da rua dos Condes, de quem se tornou amante depois disso.

A atriz passava, numa cadeirinha quando viu, em plena rua, um ajuntamento de curiosos que cercava um homem nu gritando de dor e dando pulos.

— *Que é isso*? interrogou ela ao condutor da cadeirinha.

---

[2] prostitutas

[3] *Manuel Maria Barbosa du Bocage* deixou fama de poeta satírico e, com o tempo seu nome tornou-se sinônimo de contador de histórias picantes e obscenas.

— *É um maluco que está se exibindo em traje de Adão.*

— *Coitado,* disse ela. *Leve-lhe o meu manto de capuz.*

E foi esse manto de capuz, da referida atriz, que velou a nudez do padre pregador.

Dias depois o Antônio Couto embarcou para o Brasil com um bom emprego e o padre José Agostinho espalhava por Lisboa uma sátira contra o seu agressor, da qual se destacavam os seguintes versos:

O Couto brejeiro
Que é filho da puta
Mentir me não deixa
Pois ele me escuta.

O Couto trampola,
Ou vil caloteiro,
Que é mais do que Judas
Em vendo dinheiro.

O Couto em calotes
Gerado e parido
Tem pai no palácio
Velhaco e falido.

Lá foi para o Rio,
O demo o levou
Da súcia chamado
Que lá se acoutou.

E bem que o desprezo
Só pune o canalha
Que em ferro que é frio,
Em balde se malha.

Talvez que algum dia,
Chapado ladrão,
Escape da forca
Por ser um cabrão.

Não era o bom padre
Avaro e catinga,
E por isso lhe deram
Pimenta em seringa.

E em pelo o puseram,
Numa rua de truz,
Mas uma bela que o viu
Deu-lhe um capuz.

Tempos depois, o acaso colocou o padre José Agostinho frente a frente com a princesa Carlota Joaquina. E o padre, todo meloso, disse à futura rainha:

- *Alteza, já ouviu falar da agressão de que fui vítima?*

- *Ora, reverendo, a sua vida deve preocupar o sr. bispo... Aproveite que ele vem vindo e conte os seus problemas a ele.*

E virando-se para o prelado:

- *O notável orador sacro padre José Agostinho perguntou-me se ouvi falar na agressão de que foi vítima. V. Excia. ouviu, Sr. bispo*?

E o bispo, depois de fungar, tomando uma pitada de rapé, respondeu, rindo:

- *Corre pela cidade de Lisboa que o padre José foi vítima de um castigo do diabo.*

- *De um diabo de saias*, resmungou com os seus botões o padre José Agostinho que sabia ter sido o Couto um mandatário de uma dama de elevada hierarquia...

ഌഌഌ

3 – Fugindo de Portugal

ARGUMENTO HISTÓRICO

Este episódio foi tirado das "Memórias da Duquesa de Abrantes"...

Em vão Portugal se esforçou, em 1807, para ficar neutro na luta de morte em que a França de Napoleão se empenhou com a Inglaterra de Jorge IV.

Repugnava-lhe intimamente romper com o gabinete de Londres, e por isso continuava a acolher nos seus portos da Europa e das colônias os navios ingleses, destinados a combater a França e a Espanha, sua aliada.

Nessa circunstância, o governo francês exigiu do Regente português uma explicação positiva e sem subterfúgios.

O Regente, com medo da França e com medo da Inglaterra, respondia evasivamente a Napoleão, tentando ganhar tempo, esperando que o amigo de Londres lhe enviasse socorros armados para poder se definir contra o caporal[4] corso, guindado a Imperador.

---

[4] Graduação militar antiga que ficava entre o cabo e o sargento

Diante dessa indecisão, o embaixador francês pediu os seus passaportes, e foi-se para Paris. A guerra se avizinhava.

De um lado o francês irrompia inesperadamente nas fronteiras espanholas com Portugal; de outro, uma esquadra inglesa se apresentava no Tejo sob o comando do almirante Sidney Smith.

Lord Strangford, embaixador inglês, procurou o Regente D. João e o intimou a entregar a esquadra portuguesa à Inglaterra, para que, na hipótese dos franceses conquistarem o Reino, não se apoderarem dos navios portugueses.

Então, o Regente se lembrou de transportar-se nos seus navios para o Brasil, entregando Portugal à conquista francesa, uma vez que a Inglaterra não lhe mandara exército.

Se a Rússia, a Alemanha, a Áustria, a Itália e a Alemanha tinham sido vencidos por Napoleão, dizia D. João, como poderá um pequenino exército português enfrentá-lo?

A força das circunstâncias venceu o caráter tímido e acovardado de D. João. E foi assim que decretou a transladação da família real e da Corte para o Brasil.

Nomeou uma Regência para substituí-lo no governo de Portugal na sua ausência e ordenou o embarque do arquivo, do tesouro, da biblioteca e objetos preciosos para os seus navios.

Enfim, no meio da amizade e fidelidade do seu povo, embarcou D. João com a sua Corte para a Terra de Santa Cruz.

A sua esquadra se compunha de quatro grandes fragatas, diversos brigues, corvetas e cargueiros, formando ao todo trinta e seis navios de velas, com cerca de quinze mil emigrados, além da tripulação.

Ao sair de Lisboa, a rainha mãe, que estava louca, esbravejou em gritos lancinantes, recusando-se a embarcar. Embarcaram-na à força.

Carlota Joaquina era de opinião que se não devia embarcar. Na véspera, procurara o marido e dissera-lhe francamente:

- *A Inglaterra nos abandona, João. Entreguemo-nos à França. Aliemo-nos a Napoleão.*

- *Agora é tarde, Portugal foi riscado do mapa da Europa por Napoleão. Nossa pátria foi dividida em três quinhões, cabendo um ao Príncipe da Paz e os outros dois à França,* respondeu D. João.

- *Lorde Strangford prometeu por em Portugal, dentro de vinte dias, um exército inglês de 50.000 homens, sob o comando do general Wellesley. E os portugueses não poderão resistir vinte dias ao exército de Junot, que vem cansado, em marchas forçadas?*

- *É um exército invencível.*

- Tenho informações seguras de que os soldados de Junot estão exaustos com as suas marchas forçadas. Parte dele vai ficando pelo caminho, parte vai desertando. Portugal deve resistir.

- Resistir com que?

- Com os vinte mil homens que vestem a farda do exército português.

- Seria condená-los à morte.

- E a esquadra inglesa?

- Pois foi o comandante da esquadra que me aconselhou a fugir.

- E você foge? E você quer ficar na história de Portugal com o cognome de Rei Fujão?

- Prefiro ser rei fujão a rei prisioneiro.

- Devia preferir ser rei morto. Vá então para o Brasil e me entregue o governo português. Eu, uma espanhola, com vinte mil portugueses que aqui ficam de armas na mão, defenderei a honra deste reino infeliz.

- Já nomeei a Regência que me substituirá, com ordens de entregar Lisboa, sem um tiro contra os franceses.

Então Carlota Joaquina, levantando-se da poltrona em que se assentava, achegou-se ao

príncipe D. João, e, fitando-o com um desprezo profundo, disse-lhe de cara:

- E foi este o marido que a diplomacia espanhola me deu. E é este o destino de uma Bourbon, descendente de Felipe II. Se eu tivesse assumido o governo em 1805, e tivesse posto você como louco no Paço de Cintra, como a rainha Maria Francisca fez com o seu bisavô Afonso VI, outro teria sido o destino de Portugal e neste momento estaríamos aliados a Napoleão, sacudindo o jugo inglês, que escraviza e que rouba há dois séculos este desgraçado reino.

- São devaneios... Você não compreende a situação.

- Não são devaneios. É a verdade. Portugal sofre agora pela poltronice do seu soberano. No tempo de seu avô D. José I, o Marquês de Pombal preparou o reino para uma guerra com a Inglaterra, se a Inglaterra não lhe desse satisfação. E a Inglaterra, em luta com a França, tal qual acontece agora, deu todas as satisfações ao rei de Portugal por um ultraje semelhante ao que lhe acaba de fazer Lord Srangford, ameaçando de se apoderar dos navios portugueses. O rei D. José I, que era um homem e não um banana como você, ao ouvir semelhante ameaça do embaixador inglês, respondeu-lhe que se a repetisse ali, ele imediatamente seria conduzido para ser enforcado na verga de um navio português. E o que fez a Inglaterra? Censurou o seu ministro, retirou-o de Lisboa, e mandou outro embaixador especialmente para pedir desculpas do incidente a el-rei de Portugal. E

agora? Agora você se encolhe diante de uma idêntica ameaça proferida por Lord Strangford, e foge para a Colônia da América, numa atitude indigna de um descendente do grande D. José I.

- São os percalços da realeza.

- Pobre realeza. Graças a Deus, nem o Pedro nem o Miguel têm nas veias o seu sangue. E tenho fé que ambos puxem pelos pais.

- Você vive a me insultar.
- Vivo a querer fazê-lo homem e quanto mais tento, mais o vejo acovardado. Pedro sairá ao Marialva, que é fidalgo de verdade; Miguel é filho do jardineiro de Ramalhão, que apesar de plebeu, mostrou ser um homem até quando o matei. Digo-lhe que meus filhos não são seus, e você sorri...

- Que me importa que tenha filhos com os outros? Você é minha mulher em meu nome apenas. Quanto ao resto, faça as loucuras que bem entender. Pode procurar até os peixeiros do bairro baixo e com eles fazer príncipes da Casa Real...

Carlota Joaquina virou as costas ao marido e deixou- o murmurando:

- E sou eu, uma princesa Bourbon, obrigada a acompanhar este desbriado e covarde para uma colônia de negros...

ཐཐཐ

4 – Bahia ou Rio ?

ARGUMENTO HISTÓRICO

> Este episódio foi tirado do livro do Visconde de Cayru - “Principais sucessos”...

A esquadra do Príncipe Regente ancorara na Bahia em 19 de janeiro de 1808.

O desembarque da família real foi de intenso regozijo para os baianos. A cidade de Salvador se engalanou com as suas bandeiras e colchas adamascadas nas janelas dos sobrados coloniais. A iluminação com lanternas multicores foi simplesmente admirável. Nunca, em tempo algum, a antiga capital do Brasil se fez tão formosa como nesses dias em que acolheu a família real.

O Príncipe Regente deu uma recepção no Palácio do Governador aos seus fiéis baianos.

Terminada a recepção, aproximou-se do príncipe o sábio José da Silva Lisboa:

- *Senhor, o povo baiano, por meu intermédio, beija as mãos de Vossa Majestade e pede licença para vos fazer um pedido.*

- E que pede o meu amado povo baiano, Sr. Silva Lisboa?
- Pede a Vossa Alteza que instale aqui a Corte.

- Sr. Lisboa, a instalação da Corte em Salvador traria para o povo baiano despesas vultosas, acima das suas possibilidades. O Rio de Janeiro é mais rico, mais populoso e mais seguro...

- Senhor, em nome da Bahia, os seus habitantes vos oferecem doze milhões de cruzados, destinados à construção de um Palácio para Vossa Alteza.

- E a minha nobreza? E os cinco mil funcionários públicos que me acompanharam?

- A Bahia dará mais seis milhões de cruzados para a sua instalação.

- Bem, Sr. Lisboa, vou consultar os meus conselheiros, e, por intermédio do governador, o meu amado povo baiano saberá de minha resolução.

No dia seguinte, a bordo, D. João, em conversa com os seus, contava a oferta que lhe fizera o povo. Thomaz de Villa Nova achou que a Bahia talvez desse mais e era mais antiga que o Rio; o favorito Lobato entendia que o Rio de Janeiro estava mais longe de Napoleão.

Nesse ponto da conversa, Carlota Joaquina obtemperou:

- *João, é a primeira vez que me ponho ao lado do seu camareiro Lobato. Vamos para o Rio. E se você quiser ficar aqui, eu me exilarei voluntariamente no Rio de Janeiro. Lá deve haver menos negros do que aqui. Você não reparou, Therezinha,* disse a princesa voltando-se para a filha, *que a sociedade desta terra é toda misturada?*

- *Ora se reparei. Havia até negros no beija-mão que papai deu no Palácio do Governador.*

- *Ora se havia. Uma negrota de ancas de elefante, toda resplandecente de brilhantes, beijou-me as mãos, trescalando um cheirinho desagradável de bodum*[5]*...*

- *De bacalhau podre, Senhora Princesa,* atalhou alvissareiro o esperto Lobato, satisfeito por ver Carlota Joaquina concordar com a sua opinião, pela primeira vez.

- *Meu querido primo,* obtemperou o ridículo e gordalhudo Duque de Cadaval, *o Rio de Janeiro é dez vezes mais rico do que a Bahia e tem melhores fortalezas, mais tropas, mais povo e...*

- *E fica mais longe da França,* atalhou sorrindo Carlota Joaquina, piscando o olho direito para o duque.

O Governador da Bahia, irritado com a linguagem desabusada daquela gente, virou-se para D. João e disse-lhe:

---

[5] Mau cheiro

- Sr. Regente, aquela dama amulatada, cheia de brilhantes, que pareceu negra e malcheirosa à esposa de Vossa Alteza, é casada com o comendador Antônio de Castro Antunes, o homem mais rico da Bahia, e que pôs a metade da sua fortuna à disposição de Vossa Alteza para que V. Alteza fique nesta cidade com a sua família.

- *Imagine minha cara duquesa de Cadaval, o que é a Bahia,* comentou Carlota Joaquina, *se a dama mais rica é negrola e se o homem mais inteligente, que é o sr. Silva Lisboa, é cor de café com leite... O que não serão os bestóides e os pobretões desta terra de gente escura e cheirete suspeito?*

- *Alteza*, disse ríspido e já perdendo a paciência o Governador, *eu, em nome desse bom e glorioso povo baiano, que ofereceu doze milhões de cruzados para um Palácio do Regente, desejo agora que a Senhora Princesa D. Carlota consiga do seu esposo a escolha do Rio de Janeiro como sede da Corte.*

- *Realmente,* observou o doutor José da Silva Lisboa, que se aproximara nesse instante, *a Bahia tem mais negros e mulatos do que o Rio; tem menos dinheiro do que o Rio; tem menos fortalezas do que o Rio; tem menos gente para a defesa do Regente do que o Rio; tem menos perfume e mais bodum do que o Rio; mas tem tanto amor ao seu Rei e ao Brasil quanto o Rio; tanta dignidade como o Rio; e por ser mais velha do que o Rio, tem mais glória na defesa da bandeira e da honra da Pátria.*

- *E foi da Bahia, senhora Princesa*, disse o governador, *que Estácio de Sá, com o povo baiano, foi fundar o Rio de Janeiro, expulsando os franceses de Villegaignon e vencendo os tamoios que traíam el-rei.*

E depois, virando-se para D. João:

- *Como vassalo de Vossa Alteza e governador da Bahia, eu peço licença para aconselhá-lo que vá para o Rio, porque em Salvador não há acomodação possível para as quinze mil pessoas que constituem a sua comitiva.*

- *O Sr. Governador tem razão*, Alteza, disse ao Regente o doutor José da Silva Lisboa. *Em nome do povo da Bahia, retiro a oferta de doze milhões de cruzados, há pouco feita, para a construção do Palácio e seis milhões para o alojamento da comitiva.*

- *E retira por que*?

- *Porque a Bahia não deseja desagradar a vista e o olfato da Senhora Princesa Carlota Joaquina. A Bahia tem muitos negros e mulatos, a Bahia inteira fede bodum, até no Palácio do Governador, onde a própria cozinheira é negra de azeviche; até no palácio do Sr. bispo, onde as arrumadeiras são duas negras cor de tição; até na catedral, onde o sacristão é da cor de fumo de corda...*

- *Não se zangue, meu caro doutor Silva Lisboa*, respondeu o Regente. *Minha mulherzinha é azeda até comigo e com os meus conselheiros. Imagine*

que o meu primo Cadaval foi por ela batizado de "Duque da Marmelada"; o meu bispo capelão de "Frei Manivela"; o meu camareiro Lobato de "Ciganinho Mexe-mexe"; o conde de Linhares de "Dr. Trapalhada", o conde de Galvêas de "Pastorinho" e o marquês de Angeja de "D. Farricoco".

- Então, Joãozinho, acrescente também que fui autora daqueles versinhos que o povo de Lisboa canta todos os dias:

Nós tivemos cinco reis
Com o nome de Joões
Os quatro valem milhões
O quinto é como vereis:

Que fazes, João?
Faço o que me mandam
E como o que me dão
E vou para o Brasil
Cantar cantochão.

Todos os circunstantes baixaram o rosto para esboçar um furtivo sorriso. Então o Príncipe Regente atalhou:

- Basta de bobagens, Carlota. A Corte será instalada no Rio de Janeiro.

ꕥꕥꕥ

5 - O Palácio de Carlota Joaquina

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O episódio deste capítulo foi tirado de uma crônica de Pereira da Silva, conselheiro do Império, publicada no “Correio Mercantil”, em 1874...

No dia 19 de março de 1808 o povo carioca recebeu a família real e os quinze mil emigrados da comitiva com festas deslumbrantes.

A vinda da Corte Portuguesa exigiu melhoramentos em todos os edifícios públicos.

O pequeno palácio do vice-rei foi aumentado com mais um andar e ligado por um passadiço ao próximo Convento do Carmo, cuja igreja conventual se transformou em Capela Real.

Preparou-se para a família real uma residência chamada Quinta da Boa Vista, presente de um negociante rico, o famoso Elias Silva. Um outro ricaço presenteou D. João com uma residência na Ilha do Governador; uma viúva com muitos bens, mulata que foi casada com José Nunes, deu à família real a bela Chácara de São Domingos, na praia Grande; um vassalo fiel presenteou o Regente com uma chácara na Ilha de Paquetá. Os habitantes do Rio de Janeiro foram pródigos em dádivas ao soberano português.

E os quinze mil parasitas, que compunham a comitiva real? Estabeleceu-se então um sistema interessante de despejo sumário e quase inacreditável, do qual escapou a feliz cidade de Salvador na Bahia.

O emigrado andava pela cidade com um meirinho[6], escolhia um casa qualquer que lhe conviesse, e dizia ao oficial de justiça:

- *Quero esta.*

O meirinho entrava e notificava ao dono da casa:

- *Em nome do Regente, requisito sua casa e mobiliário. Mude-se em vinte e quatro horas, sob pena de prisão.*

- *E para onde*? Balbuciava o dono da casa, apavorado.

- *Para as matas da Tijuca, para o Pão de Açúcar, para o Corcovado ou para o inferno*, retorquia violentamente o meirinho.

E o coitado do proprietário via logo escrever-se, na parede de seu prédio, umas letras grandes com tinta azul ou giz - **P. R.** - que queria dizer Príncipe Regente, ou na expressão popular: *Ponha-se na Rua...*

[6] Funcionário da Justiça

E assim, expulso de sua casa por um processo sumário, ia o cidadão com a família para a casa do diabo...

De uma feita foi o diretor da balança real escolher prédio em Botafogo e ali viu uma belíssima chácara, no centro de lindo jardim no estilo inglês. Pertencia a José Fernandes, filho do famoso contratador de diamantes Dr. Fernandes e da histórica Chica da Silva, sua ex-escrava.

- *Em nome do Regente*, disse o meirinho na presença do aferidor da balança do erário, *intimo o Sr. José Fernandes a ceder o prédio ao sr. Trancoso do Erário Público.*

- *Muito bem, Sr. Meirinho, já esperava por essa. O Sr. Trancoso quer também requisitar o meu mobiliário?*

O funcionário do Erário Real passou os olhos na mobília, viu que era toda de jacarandá e pau-santo, bela e resistente.

- *Certamente, sr. Fernandes...*

- *Muito bem. É sua. E os meus quadros? E os meus vasos de Sevres?*

- *Ora, isso está incluído na mobília...*

- *E os meus livros?*

- *Também são objetos caseiros. Fico com eles...*

- *E o meu oratório com os santos?*

- Onde viu o Sr. casa de cristão sem santos?

- *Pois fique com o oratório e com os santos... E minha escrava arrumadeira, o meu pajem e a minha cozinheira também, Sr. Trancoso?*

- *Também, Sr. Fernandes.*

Então José Fernandes foi a um quarto e de lá trouxe a sua mulher, uma gorducha cor de chocolate e olhos mortiços.

- *Sr. Trancoso, apresento-lhe minha esposa. Quer requisitá-la também em nome do Regente?*

Trancoso mirou e remirou a gordalhuda mineira de Diamantina... Depois, com água na boca, porque cobiçou a mulata, respondeu:

- *Até aí não vai, infelizmente, a autorização do Regente, sr. Fernandes, porque se fosse, eu...*

- *Eu lhe enfiaria uma faca no bucho, galego sem vergonha,* gritou-lhe nas fuças a esposa de Fernandes.

Nesse mesmo dia José Fernandes foi ao Convento do Carmo, onde estava instalada provisoriamente Carlota Joaquina e disse-lhe:

- *Senhora, a mais bela residência de Botafogo está às suas ordens. Permita que lh'a ofereça, mobiliada e com serviçais escravos?*

- *Aceito*, disse Carlota Joaquina.

No dia seguinte, o Trancoso, muito vaidoso e satisfeito da vida, foi com a família, todos de carruagem, instalar-se na casa do Fernandes e lá já encontrou a Princesa.

- *Que vieram fazer aqui*?

- *Beijar as mãos de Vossa Alteza*, gaguejou, atrapalhado, o Trancoso.

- *Ora, vão pentear macacos. Estou cansada de rapapés e de beija- mãos! Ponha-se na rua com a sua tropa e não me apareça mais aqui...*

E foi esse o famoso Palácio de Botafogo onde se instalou Carlota Joaquina no Brasil, logo após a sua chegada...

ജ്ജ്ജ

6 – O Espião Desmascarado

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O episódio deste capítulo foi tirado de uma crônica histórica de Moreira de Azevedo publicada no Jornal do Comércio em 1880 e reproduzida em folheto tempos depois. Melo Morais, anotando o incidente, diz que foi Carlota Joaquina quem denunciou o rendez-vous do Chalaça, ao passo que Moreira Azevedo afirma que foi o acaso que fez D. João descobrir os amores da dama do Paço com o seu criado...

Carlota Joaquina estava radiante de alegria. Tivera notícias certas, positivas, de que o Chalaça, todos os dias, entre uma e duas da tarde, na saleta de costuras da princesa Maria Teresa, se encontrava com a dama da casa real Eugênia Costa.

E nessa hora em que o rei e os príncipes dormiam a sesta, o camareiro Francisco Gomes da Silva, vulgo “Chalaça”, e a dama de honra, D. Eugênia Costa, prestavam homenagem ao deus Cupido, em ardorosos colóquios amorosos.

Como, porém, soubera Carlota Joaquina desses misteriosos encontros? É o que vamos ver.

Desde o dia em que o favorito Lobato e o reposteiro Chalaça se uniram para espionarem os passos da rainha, ela lhes votara um ódio de morte, jurando vingar-se. Assim como o Chalaça a espionava, ela também, à custa de presentes e dinheiro, conseguira que uma criada da princesa Maria Teresa vigiasse os passos do astuto adversário.

Foi, portanto, com grande satisfação que a rainha recebeu essa notícia: o Francisco Gomes, moço do reposteiro, encontrava-se, todos os dias, na sala de costura do Paço, com a dama de honra Eugênia Costa, entre uma e duas horas da tarde durante a sesta de D. João.

Era uma quarta- feira, D. Carlota, inesperadamente, surgiu no Paço, vindo de sua residência de Botafogo. Depois de subir a escadaria, enveredou para o quarto do rei. Bateu com força na porta da alcova real. D. João, estremunhado de sono, ficou apavorado com a presença da mulher.

- *João*, disse-lhe ela, *você incumbiu o seu criado de confiança, Francisco Gomes, de espionar os meus passos. E confiado nele me disse que na minha vida a moralidade morreu... Pois quer ver como no Palácio também é defunta essa tão falada moralidade? Quer ver? Vamos ali perto, na sala de costura de nossa filha Maria Teresa.*

- *Você perdeu o juízo., mulher...*

- *Vamos ver... vamos ver...*

O rei, de roupão e chinelos, dirigiu-se ao aposento indicado. Lá estavam os dois amantes, num canapé de jacarandá, no doce idílio consolador.

E no momento justo, diz Moreira de Azevedo, cronista do Império, em que Francisco Gomes da Silva, apertava contra o seu peito o seio agitado e protuberante da dama Eugênia, abriu-se a porta violentamente e apareceu D. João, que logo foi gritando:

- *Que canalhice é essa*?

- *Perdão, senhor*, murmuraram os amantes ao mesmo tempo, ajoelhando-se aos pés do soberano e procurando beijar-lhe a mão.

- *Retirem-se para os seus aposentos. Isso é uma vergonha,* continuou, bufando. *Querem transformar o Paço em casa de marafonas?!*

- *João*, disse Carlota Joaquina ao marido, *estou satisfeita, porque o criado de sua confiança deu de si excelente atestado de comportamento moral. Haverá oportunidade em que seu favorito Lobato também lhe mostrará o que vale... Adeus, meu 'adorado esposo', deixo-o aqui neste suave recanto de moralidade e vou para a minha casa, onde campeia a devassidão, no dizer dos seus espiões. Adeusinho, amor.*

E com um sorriso maldoso abandonou o marido e o Paço e foi para a sua residência, pois, como é

sabido, Carlota Joaquina vivia separada do rei, e tinha moradia diferente.
Contrariado, diz o cronista Moreira de Azevedo, por ter presenciado em seu palácio semelhante cena amorosa, D. João fechou o semblante e de cabeça baixa caminhou para o seu gabinete.

Sabia ele que corria pelo Paço muita imoralidade; que ali eram comuns entre damas e cavalheiros os galanteios, juras e entrevistas de amor; que de sua própria esposa murmuravam, censurando a sua vida impudica, os seus modos desenvoltos.

Entretanto desejava ostentar toda a moralidade. Comedido nos seus atos, reservado em suas ações, patenteando, quanto possível, a sua gravidade, exasperava-se quando era informado de qualquer ação desonesta, ocorrida no Paço e mais contrariado ficava quando ele próprio era testemunha de qualquer ato contra o decoro e a decência.

Regressando ao seu quarto, vestiu-se e em seguida mandou chamar o roupeiro Mathias Lobato. Chegando Lobato, o rei contou-lhe o que sucedera, e cobrindo-se com o seu chapéu armado, ao pegar na sua costumeira bengala de perobinha, murmurou pausadamente:

- *Vamos passear, Lobato, vamos passear... Hoje minha mulher fez alguma coisa bem feita...*

E acompanhado do favorito foi dar uma volta no Parque do palácio, espairecendo suas mágoas.

***

Enquanto el-rei passeava nos jardins do Palácio, o Chalaça com a dama Eugênia fugiam para uma chácara no Cosme Velho.

No dia seguinte, de manhã, após barbear-se e vestir-se, D. João soube pelo Lobato que D. Eugênia, dama da princesa Maria Teresa, e o Francisco Gomes, moço do reposteiro do Paço haviam fugido.

- *Mande chamar o Thomaz Antonio*, disse el-rei. *Tenho um serviço para ele.*

Veio o Ministro e beijando a mão do soberano, colocou-se às suas ordens.

- *Thomaz*, disse el-rei, *deu-se ontem aqui, um fato vergonhoso e impróprio desta casa. Surpreendi o reposteiro Francisco Gomes da Silva abraçado e aos beijos com a dama Eugênia, e acabo de saber agora que ambos fugiram deste Paço. Eles não podiam continuar no serviço e eu pretendia despedi-los simplesmente, sem escândalo. Mas diante do que aconteceu eu punirei o sedutor. Fiz esta minuta. Leve-a ao corregedor do crime e que o castigo se torne público como público já é o escândalo que esse malandro provocou.*

****

Dois dias depois Carlota Joaquina, na sua residência de Botafogo, recebia a visita da filha

Maria Teresa que lhe levava um exemplar da Gazeta do Rio de Janeiro.
- Então, filha, que novidades há no Paço?

- A maior de todas é o rapto da Eugênia Costa. Ela foi seduzida pelo reposteiro Francisco Gomes e tinha a petulância de erigir minha saleta de costura, enquanto dormíamos a sesta, em templo da deusa Vênus.

- E o que aconteceu ao Gomes?

- Ah! O Gomes foi bem castigado. Leia isto na "Gazeta do Rio". Trouxe-lhe o jornal, porque sei que há de agradar-lhe uma notícia.

Tomando o jornalzinho oficial, Carlota Joaquina, gozando o supremo prazer dos deuses, que é a vingança, leu pausadamente, em voz alta:

> *"Sr. Corregedor do crime. - Não devendo ficar impune o desatino em que caiu o reposteiro da Câmara Real Francisco Gomes da Silva, de aleivosamente aliciar e raptar uma dama de honor, é el-rei nosso senhor servido que vossa mercê faça intimar o sobredito reposteiro que não entre mais no Paço e que deve sair para fora da Corte, numa distância de dez léguas, até segunda ordem. O que participo a vossa mercê para que assim o execute. Deus guarde a vossa mercê.*
> *Thomaz Antonio."*

Depois da leitura, jogando num tamborete a Gazeta oficial, Carlota Joaquina virou-se para a filha, dizendo-lhe desdenhosamente:

- *Aí está, minha filha, como el-rei, seu pai e meu marido, sem o querer, reconhece nos seus protegidos e meus inimigos, a devassidão e imoralidade que eles me atribuem. Eu, uma devassa, eles uns santos... Olha, minha filha, cá e lá más fadas há. Ainda tenho esperanças de ver o favorito Lobato desmascarado. E há de ser, se Deus quiser...*

ꙮꙮꙮ

7 – Um Prelo e um Milhão de Cruzados

ARGUMENTO HISTÓRICO

Este episódio foi tirado dos livros de José Prezas e Juliano Rubio sobre Carlota Joaquina...

Desde que chegara ao Brasil, Carlota Joaquina não deixava um instante de pensar na formação de um reino nas colônias espanhola do Rio da Prata. E com uma audácia e uma tenacidade dignas de admiração, foi predispondo as coisas, até que o seu agente em Montevidéu, José Salazar, lhe escrevera dizendo ter necessidade absoluta de um pequeno prelo para impressão das proclamações e de um milhão de cruzados para a arregimentação de gente armada que deveria proclamá-la rainha do Rio da Prata.

Um dia, estando D. João VI na fazenda real de Santa Cruz, surgiu na “Casa de Impressão Régia” a sua mulher. O frade Tibúrcio da Rocha, que tomava conta daquilo, recebeu Carlota Joaquina com todas as honras e salamaleques do protocolo.

A filha de Carlos IV da Espanha tudo examinou e tudo viu. Depois perguntou ao diretor do estabelecimento:

- Vieram de Lisboa dois prelos e 28 caixotes de tipos, não é verdade?

- É, Alteza, um é o que usamos na impressão da "Gazeta do Rio de Janeiro", que redijo por ordem do Príncipe Regente. O outro ainda está encaixotado.

- Pois é esse que eu vim buscar. Meus negros estão aí fora e deverão levá-lo para minha casa. Com esse prelo irão comigo cinco caixotes de tipos.

- Mas, Alteza, sem ordem do Príncipe Regente ou do Sr. D. Rodrigo, como poderei entregar-lhe o que pertence ao Estado?

- Frei Tibúrcio, eu, a princesa Carlota Joaquina, filha dum Rei de Espanha e esposa do Príncipe Regente de Portugal e Brasil, sou alguém neste país. E como um simples frade franciscano ousa contrapor-se à minha vontade?

- Peço-lhe perdão, Alteza. Neste caso vou chamar o mestre de impressão régia José Bernardo de Castro, para com ele repartir a minha responsabilidade...

- Reparta suas responsabilidades com quem quiser. Eu levarei o prelo...

Nesse ínterim apareceu a cara bexigosa do mestre José Bernardes, curvando-se, reverente, diante da princesa.

- *Sr. José Bernardes*, disse, aflito, frei Tibúrcio, *Sua Alteza D. Carlota Joaquina, sem ordem do Sr. Príncipe Regente, nem do sr. Conde de Linhares, quer levar para a sua residência um dos prelos e mais uns caixotes de tipos...*

- *Eu acho, frei Tibúrcio, que diante de uma ordem de Sua Alteza D. Carlota, nós, humílimos vassalos, nada mais temos a fazer que cumpri-la.*

- *Então os senhores indiquem aos meus negros o prelo e os caixotes de tipos,* ordenou a Princesa.

- *Perfeitamente, Alteza,* retorquiu o mestre Bernardes. *Suas ordens serão cumpridas. Entretanto, como V. Alteza sabe, o ministro D. Rodrigo, conde de Linhares, é de uma severidade pavorosa. Rogamos a Vossa Alteza Real dar-nos essa ordem por escrito, para evitarmos o castigo do sr. conde e as iras do sr. Príncipe Regente.*

- *Pois sim. Darei por escrito uma requisição que faço pessoalmente aqui.*

Trazendo-lhe o frade papel, tinta e uma grande pena de pato, D. Carlota rabiscou irritada:

> *"Ao mestre José Bernardes e ao redator frei Tibúrcio, da Impressão Régia, ordeno a entrega imediata de um prelo e cinco caixotes de tipos aos serviçais de minha casa José, Venâncio, Antônio e Prudêncio, ficando essa requisição sob minha exclusiva responsabilidade".*

E por baixo, numa letra rasgada assinou:
Carlota Joaquina de Bourbon, Princesa do Brasil

***

De posse do prelo e dos tipos, fê-los transportar imediatamente para o barco Bellesten, que levou para o platino José Salazar, agente político de Carlota Joaquina em Montevidéu e Buenos Aires, um dos prelos da Impressão Régia.

Tanto D. João, como o ministro conde de Linhares, deram o estrilo com o caso. O pobre mestre Bernardes e frei Tibúrcio da Rocha, foram demitidos apesar de exibirem a requisição assinada pela princesa. A polícia do Intendente nada pode fazer, porque o barco, uma hora depois de receber a mercadoria para o Rio da Prata, saíra mar afora.

E foi assim que, com um prelo da "Impressão Régia" do Rio de Janeiro, arrancado violentamente pela princesa Carlota Joaquina, o gringo Salazar imprimiu em Montevidéu e depois em Buenos Aires os seus famosos boletins políticos que hoje constituem uma preciosidade bibliográfica da história platina, e o famoso frei Cirilo do Espírito Santo com ele fundou a primeiro jornal das províncias do Prata com o nome de "A Gazeta do Prata".

***

Foi fácil para Carlota Joaquina arranjar o prelo que lhe pedira José Salazar. Agora, o que não era fácil era conseguir esse milhão de cruzados. A

princesa recorreu a todos os ricaços da cidade, pedindo empréstimos, e todos, lamurientos, chorando miséria, alegavam que o pouquinho que tinham haviam emprestado ao erário público.

Afinal, recorreu, num golpe decisivo, ao nababesco visconde do Rio Seco, o açambarcador do comércio de brilhantes no Rio de Janeiro e famoso proprietário de minas de ouro no Gongo Seco.

Mandou chamá-lo e sem rodeios nem ambages[7], dizendo-lhe desde logo:

- *Sr. Visconde, eu sei que é amigo de meu marido e, portanto meu desafeiçoado...*

- *Ora, Alteza, pelo amor de Deus, não me faça essa injustiça que brada aos céus. Sou o mais devoto vassalo do Príncipe Regente, mas também admirador das excelsas qualidades de sua Alteza a Princesa Carlota Joaquina.*

- *Deixemos de zombarias, Sr. Visconde. Eu sei bem as coisas, como as coisas são. O Sr. é um grande conhecedor de pedras preciosas e é um dos mais espertos negociantes do Rio. Pois bem, mandei chamá-lo para que o Sr. avalie as minhas joias.*

- *Vossa Alteza ordenou, e aqui estou para cumprir as suas ordens.*

[7] rodeios, evasivas, subterfúgios

Carlota Joaquina apanhou de cima do aparador de pau santo um cofre de jacarandá com cercaduras de ferro polido e, abrindo-o, dele tirou um punhado de faiscantes joias. E umas a uma, o visconde do Rio Seco foi examinando as joias da princesa do Brasil e fazendo rabiscos numa folha de papel. Depois examinou atentamente os rabiscos, fez várias somas, e disse:

- *Alteza, as joias têm dois valores: valor real e valor negociável. Aqui, por exemplo, este diadema de brilhantes, rubis e esmeraldas...*

- *É presente do meu pai, Carlos IV da Espanha.*

- *Sim, Alteza, deve ser um presente de rei. Não teria custado à casa real de Espanha menos de 200.000 cruzados, por barato. Entretanto, se Vossa Alteza quisesse vendê-lo a um negociante de joias, ele lhe daria no máximo 120.000 cruzados...*

- *Bem sei. Vejamos o conjunto. Quanto valem todas as minhas joias para serem, vendidas ou empenhadas num judeu qualquer*?

- *As joias de Vossa Alteza valem um milhão e oitocentos mil cruzados. Mas para serem vendidas ou empenhadas, Vossa Alteza poderia encontrar quem lhe desse um milhão e duzentos mil cruzados ou, no máximo, um milhão e meio...*

- *Pois bem, Sr. Visconde. Essas joias são minhas. Pertencem-me. Eu lh'as vendo por um milhão de cruzados... Sei que o Sr. é o homem mais rico do*

Brasil e que seus haveres valem muitos milhões. Quer comprá-las, Sr. Visconde?

- Alteza, realmente seria para mim excelente negócio comprar-lhe essas joias por um milhão de cruzados. E eu seria um hipócrita se dissesse a Vossa Alteza que não tenho haveres suficientes para tal compra, quando Vossa Alteza sabe que ainda há pouco tempo emprestei ao Sr. Príncipe Regente dois milhões de cruzados e sou o maior credor do erário público. Entretanto...

- Entretanto o que?

- Entretanto, contra o meu próprio interesse de negociante de pedras preciosas, eu não poderia negociar com Vossa Alteza porque o meu soberano, vosso esposo, me proibiu de fazer qualquer negócio de dinheiro com a senhora Princesa...

- Ah! O patife me desmoraliza e me persegue...

- Alteza, não se afobe...

- Está acabada a nossa entrevista, Sr. Visconde. Pode retirar-se e se quiser vá direitinho contar ao Príncipe Regente que eu, a filha de um rei de Espanha e princesa deste imundo país de negros e covardes, quis vender as minhas joias para fugir desta podridão do Rio de Janeiro.

***

O visconde do Rio Seco foi mesmo direitinho ao Paço, no dia seguinte, e D. João, que regressava da fazendo de Santa Cruz, recebeu-o prazenteiro como um soberano que é devedor do vassalo milionário, a quem recorre sempre nas suas aperturas de dinheiro.

- Então, Sr. visconde, que novidade é essa?

- Vim, como de meu dever, relatar um caso que deve interessá-lo sobremaneira...

- Razões de Estado?

- Talvez, Alteza.

- Então desembuche, homem.

- A princesa Carlota Joaquina mandou chamar-me ao seu Palácio de Botafogo e depois de mostrar-me todas as joias que tem, quis negociá-las comigo, por um milhão de cruzados.

- E você o que disse?

- Disse que não podia tratar de assunto de dinheiro com nenhuma pessoa da casa real, sem ordem de Vossa Alteza.

- Muito bem, Sr. Visconde. Agradeço-lhe a comunicação, que me esclarece um caso. O Sr. Visconde vai agora passar pela secretaria do estado e mande-me de lá o Lobato e o intendente de Polícia, com os quais preciso falar imediatamente. E muito obrigado, Sr. Visconde...

***

D. João, o favorito Lobato e o intendente de Polícia estavam reunidos na saleta de despacho do príncipe Regente. Este último comentava:

- *Pois é, Sr. Intendente. Está tudo explicado. O gringo Salazar, na carta agradecendo a remessa do prelo, reclama da Princesa o milhão de cruzados que lhe prometera para o levantamento de tropas que a proclamarão rainha do Reino do Rio da Prata. Você já leu a cópia dessa carta, Lobato*?

- *Não, Alteza.*

- *Pois aqui está ela, disse D. João*, tirando de uma gaveta uma folha de papel. *Como sabe, o intendente de polícia tem dez dos seus melhores agentes em torno da Princesa. Um deles pôde embriagar um enviado do Salazar e cuidadosamente abrir e tornar a fechar uma carta do caudilho à Princesa. Leia.*

E o favorito Lobato pegou a cópia da carta e leu:

> *"Senhora Princesa.*
> *Os negócios políticos do Rio da Prata vão de vento em popa. Falta-nos agora somente o milhão de cruzados que Vossa Alteza prometeu para levantarmos o povo e proclamarmos Vossa Alteza Real Rainha do Rio da Prata. Recebemos o prelo e vos agradecemos. Insistimos pela remessa do dinheiro, porque o retardamento pode*

> *prejudicar nossa santa causa. Beijo as mãos de Vossa Alteza Real.*
> *O vassalo reverente e devoto - José Salazar."*

Lobato devolveu-a a D. João.

- *Que tal, Lobato*?

- *Esse Salazar é um homem perigoso...*

- *Mais perigosa é a minha mulherzinha, seu Lobato...*

Nesse ponto da conversa o camareiro pediu licença ao Príncipe para avisar o Sr. Intendente de Polícia que um dos seus agentes estava à sua procura, com urgência, para um caso de gravidade.

O intendente saiu e logo após voltou, esbaforido, para contar ao príncipe que a princesa Carlota Joaquina entregara o cofre de suas joias ao liberto Felisbino, crioulo de sua absoluta confiança, que deveria levar o referido cofre a bordo do cargueiro Santa Maria, onde o esperava o irmão de Salazar. D. João, ao ouvir aquela notícia, virou-se para o Intendente de polícia e disse-lhe:

- *Sr. Intendente, ponha em ação imediatamente toda a polícia do Rio de Janeiro. Eu quero aqui na minha presença, hoje, sem falta, de qualquer forma, nem que seja necessária a violência mais rematada, o irmão de José Salazar, o crioulo Felisbino e o cofre de joias da Princesa Carlota*

Joaquina. Do êxito dessa missão depende a sua permanência no cargo. Se não me trouxer essa gente aqui e mais as joias da Princesa, considere-se demitido do seu cargo a bem do serviço público.

- Alteza...

- Nada de palavras, quero atividade. Pode ir, sr. Intendente...

E o Intendente lá se foi com as orelhas queimando e o coração agoniado pela ameaça de demissão a bem do serviço público.

ຣ໙ຣ໙ຣ໙

8 - As Joias da Princesa

ARGUMENTO HISTÓRICO

O assunto deste capítulo foi tirado de um panfleto de Cypriano Barata...

A Polícia do Rio de Janeiro movimentou-se nesse dia com real êxito. O Intendente teve a felicidade de levar à presença do Príncipe D. João o cofre das joias da princesa Carlota Joaquina, o Florêncio Salazar, irmão do caudilho de Montevidéu, e o crioulo Felisbino, pessoa de absoluta confiança da Princesa, de quem era uma espécie de cachorro perdigueiro, fiel até a morte, se preciso fosse.

- *Então, Sr. Salazar, o Sr. veio aqui ao Rio conspirar contra o sossego do Estado, não é?* disse o príncipe Regente ao gringo.

- *Alteza, eu apenas recebi das mãos de um emissário de vossa excelsa esposa uma carta e um cofre de joias para entregar em Montevidéu a José Salazar, que é meu irmão.*

- *Muito bem. E o que veio fazer aqui no Rio*?

- *Entregar uma carta do Cabildo*[8] *à Senhora Princesa.*

---

[8] instituição administrativa da América colonial espanhola

- Estou satisfeito com o Sr. porque não está mentindo. Já sabia de todos os seus planos aqui no Rio. Não mandei prendê-lo antes porque esperava esta oportunidade.

- Alteza, como deve saber, sou um humilde secretário da Câmara de Buenos Aires, e fui a Montevidéu a chamado de meu irmão para servir de intermediário de confiança entre ele e a Princesa Carlota Joaquina.

- E que pretende o Cabildo de Montevidéu com os seus manejos políticos?

- Proclamar rainha do Rio da Prata a esposa de Vossa Alteza.

- Muito bem. Muito bem. Vou mandar detê-lo por algum tempo e depois poderá ir sossegadamente para os seus pagos platinos. Porém, se depois disso for encontrado de novo no Rio, será enforcado sumariamente.

Em seguida, D. João mandou recolher na prisão do estado, incomunicável, o inexperto irmão de José Salazar. Depois, interrogou o Felisbino:

- Felisbino, qual foi a sua participação neste caso?

- *Senhor*, respondeu o criado da Princesa, *eu fui escravo da esposa de Vossa Alteza. Ela me deu alforria e me trata como branco, como gente de proa... Embora liberto, considero-me escravo da Princesa. Ela me disse que preferia que eu*

morresse a falar sobre este caso, e eu prefiro morrer...

- *Pois não vai morrer Felisbino. Vai apenas passar algum tempo no tronco...*

E em seguida o Príncipe mandou por no tronco o desventurado Felisbino. Depois, na presença do intendente de polícia, despejou as joias do cofre em cima da mesa, examinou-as detidamente, e, suspirando, murmurou:

- *Eu me entristeço só em pensar que lá iam estes dois milhões de cruzados em pedras preciosas para um gringo platino, desfalcando a casa real de suas riquezas.*

Depois, virando-se para o favorito Lobato, disse-lhe com angústia:

- *Seu Lobato, minha mulher é um caso sério. Se você visse a impressão que dela tive logo na noite de núpcias... Olhe aqui na minha testa. Abriu-me uma brecha com um castiçal de prata. Olhe aqui na minha orelha direita... falta-me um lóbulo, que foi arrancado com uma dentada nupcial da Senhora Carlota Joaquina quando, aos dez anos de idade, aprouve receber-me por esposo. Depois disso, meu Deus do Céu, o que tenho sofrido. Nas vésperas de virmos para o Brasil, ao comunicar-lhe a necessidade de deixarmos Lisboa, cuspiu-me na cara o insulto de covarde e fujão. Minha mulherzinha é pior que gata, seu Lobato.*

- *Alteza*, disse consoladoramente o celibatário Lobato, *todas as mulheres são piores do que uma gata. E a Princesa é mulher!...*

- *Sim, são piores do que gatas*, murmurou entre dentes D. João.

Em seguida, virando-se para o intendente de Polícia, ordenou-lhe:

- *Sr. Intendente, vá buscar imediatamente o ourives da casa real Antônio Gomes da Silva, na rua Direita e traga-o à minha presença. Aqui fico esperando.*

- *Sim, Alteza. É só o tempo de ir e vir, e aqui estarei com Antônio Gomes.*

O Intendente apareceu no Paço, acompanhado do ourives da Casa Real, Antônio Gomes da Silva, com oficina e loja na rua Direita.

- *Sr. Gomes*, disse o Príncipe Regente, *o Sr. no mais breve espaço de tempo possível vai substituir estas pedras preciosas, nestas joias, por pedras falsas. Quero um serviço rápido e bem feito. Quanto tempo levará para esse fim?*

- *Quatro dias, Alteza.*

- *Pois lhe dou o prazo de dois dias. Durma pouco. Dispense a sua sesta costumeira. Arranje auxiliares. E depois de amanhã quero aqui as pedras verdadeiras desmontadas e as falsas no lugar das verdadeiras.*

- Alteza, é pouco tempo

- Sr. Gomes, o título de ourives da Casa Real e uma gratificação de mil cruzados, valem bem um servicinho apertado de dois dias

- Bem, Alteza, depois de amanhã, às duas horas da tarde, aqui estarei com o serviço pronto.

- Vá com Deus, Sr. ourives...

***

No dia e hora determinada apareceu no Paço o ourives com as joias da Princesa Carlota Joaquina. Retirara as pedras preciosas e pusera pedras falsas nos seus lugares.

- Alteza, o prazer em servir um Príncipe tão generoso me deu agilidade para em tão curto espaço de tempo fazer o serviço de seu agrado.

- *Lobato*, disse D. João, *escreva uma ordem de pagamento de mil cruzados ao nosso ourives.*

Feita a ordem e despedido o ourives Gomes, D. João com o Lobato examinaram o trabalho de substituição e acharam-no perfeito. Depois o Príncipe se dirigiu ao cofre forte do Paço, e dele retirando uma caixa de charão[9], abriu-a à vista do favorito, cujos olhos se deslumbraram aos reflexos faiscantes dos diamantes e gemas preciosas que ali se achavam.

[9] verniz negro ou vermelho preparado na China ou no Japão

- São os meus 'guardados', seu Lobato. Aqui estão nada menos de vinte milhões de cruzados em brilhantes brasileiros. Os brilhantes da princesa, minha esposa, vão fazer-lhes boa companhia. Ficarão aqui melhor do que no Rio da Prata, transformados em carabinas e balas...

Em seguida, mirando e remirando as pedras desmontadas das joias de Carlota Joaquina, num gesto lento e gostoso, o Príncipe Regente do Brasil despejou-as na caixa de charão, forrada de veludo azul e recolocou essa caixa no cofre forte, fechando-o.

Depois de uma pitada de rapé, mandou entrar o intendente de Polícia, a quem ordenou fosse, em seu nome, buscar sua esposa Carlota Joaquina no seu Palácio de Botafogo, para um negócio de Estado.

Enquanto o intendente dava cumprimento às suas ordens, D. João relia em voz alta a carta de sua esposa ao chefe do cabildo de Montevidéu, José Maria Salazar, escrita nestes termos:

> *"Amigo e devotado Salazar, recebi a sua carta agradecendo o prelo que lhe mandei, tirado por mim da "Casa de Impressão Régia". Não lhe podendo mandar em dinheiro o milhão de cruzados para a movimentação das tropas que me deverão proclamar Rainha do Rio da Prata, mando-lhe todas as minhas joias no valor de quase dois milhões de cruzados, para serem vendidas aí ou empenhadas. Daqui a dois*

> *meses, embarcarei secretamente para Montevidéu, aonde me porei à frente dos soldados em marcha para Buenos Aires, em cuja Catedral espero ser coroada pelo bispo Antônio, conforme o combinado. Penso que os dez mil soldados prometidos serão o bastante para a nossa patriótica e santa missão de levantarmos no rio da Prata em reino, que será um dos mais ricos do Mundo, em futuro bem próximo. Venda ou empenhe as minhas joias em benefício da grandeza e prosperidade do rio da Prata.*
> *Carlota Joaquina de Bourbon"*

Acabando a leitura, D. João riu-se, com aquele seu riso escarninho[10] que sempre se debuxava[11] no canto de sua boca quando pregava uma boa peça em algum inimigo. E murmurou entre dentes:

- *E minha pobre mulherzinha ainda me chama de João Burro... Sim, João Burro, sou João Burro, mas vou sempre pregando-lhe peças, desfiando-lhe as intrigas, vencendo-a sempre, apesar da minha burrice.*

Depois, passando a mão pela cicatriz da brecha que a mulher lhe fizera na noite de casamento, murmurou com tristeza:

- *Desde que me casei, somente fui burro na noite do casamento. Realmente foi muita burrice ter eu*

---

[10] escarnecedor

[11] Desenhado

nessa noite apanhado de uma menina de dez anos de idade e ficado a ver navios, ou lá como diz o vulgo, ter ido a Roma e não visitar o Papa...

Depois, sacudiu a cabeça, aspirou rapé e em seguida guardou a carta de Carlota Joaquina na gaveta. E, recostado no canapé de jacarandá, ficou à espera da esposa.

ꕥꕥꕥ

9 – A Traição do Chalaça

ARGUMENTO HISTÓRICO

> Este episódio foi tirado do livro de Clemente de Oliveira sobre os Braganças.

Foi com grande surpresa que o astuto Chalaça teve notícia das conseqüências de suas perversas intrigas, atirando a princesa Carlota Joaquina contra o Regente D. João.

O famoso intrigante, em vez de gozar os proveitos da proteção de Carlota Joaquina, viu-se embaraçado na trama diabólica que ele próprio urdira.

Expulso do Paço, desmerecido no conceito de todos que o conheciam, quando contava certo com os favores da esposa do Príncipe D. João, eis que lhe chega essa desconcertante novidade, qual a do encerramento de Carlota Joaquina no Convento da Ajuda por ordem real.

Estava ele no seu exílio de Itaboraí, hóspede do padre Feliciano de Castro, quando foi procurado por um emissário do almirante Sidney Smith, comandante da esquadra inglesa do Atlântico Sul, estacionada na baía da Guanabara. O enviado do

referido almirante trazia ordem de levá-lo sem demora, para o Rio.

Sem titubear um instante, o ex-criado do Paço acompanhou o emissário do inglês e pouco tempo depois lá estava ele numa chácara das Laranjeiras na presença de quem o mandara buscar.

- Francisco Gomes, disse-lhe o almirante, eu sei por m'o ter dito a senhora Princesa Real Carlota Joaquina, que o senhor é pessoa de sua confiança, astuto, hábil e audacioso e que lhe é dedicado, dedicação jurada ainda há pouco tempo. Sei mais que o senhor tem um grande ressentimento pelo Príncipe Regente, que o expulsou publicamente do serviço Real, onde ocupava o cargo de moço do reposteiro. Pois bem, amigo muito dedicado da Princesa Carlota, dela recebi um recado pedindo-me que a ajudasse num projeto de fuga do Convento em que se acha. A minha posição de comandante dos navios ingleses, surtos neste porto, não me permite favorecer diretamente os projetos da Princesa. Se não posso de uma maneira ostensiva ajudar neste transe doloroso a desditosa filha d'El Rei Carlos IV da Espanha, poderei por detrás das cortinas, tudo fazer para lhe ser agradável. Para isto preciso de um testa de ferro, que será o senhor. Como é natural, o senhor não poderá arriscar-se num trabalho perigoso sem alguma compensação. Dou-lhe adiantadamente 200 soberanos em ouro inglês.

Em seguida o almirante colocou em cima da mesa um saquinho de moedas de ouro, que tilintaram diante do famigerado Chalaça.

Depois continuou o inglês, fixando seus olhos de aço nos olhos semicerrados daquele cujo auxílio pretendia comprar:

- *Meu caro Francisco Gomes, creio que já estamos entendidos. Negócio é negócio, e este me parece de grande proveito para quem caiu no desagrado do Príncipe Regente e dos seus cortesãos.*

O diabólico Francisco Gomes da Silva, geralmente conhecido pela alcunha de Chalaça, fechou por um instante os seus olhos inexpressivos, como quem procura meditar, e em seguida respondeu ao almirante Sidney Smith:

- *Senhor almirante, perdido por um, perdido por mil. Estou pronto a arriscar minha vida para, no serviço de V. Excia., servir de qualquer maneira, contra Deus ou contra o Diabo, a Excelsa Princesa D. Carlota Joaquina. Ordene e cumprirei suas ordens.*

Dessa entrevista resultou a combinação de que o Chalaça, com o apoio decisivo do almirante inglês, facilitaria a fuga da Princesa que se achava no Convento d'Ajuda.

O astucioso e incorrigível filho do ourives da Casa Real arquitetou o plano de ação. De acordo com esse plano, o Chalaça, acompanhado de quatro marinheiros ingleses, escalaria o muro do Convento d'Ajuda e aí, com escada adredemente preparada e conduzida para o local, facilitaria a evasão da Princesa Real, que seria transportada

para um dos navios ingleses disfarçada com roupas de marujo.

O referido navio partiria dois dias depois, com destino a Buenos Aires, onde Carlota Joaquina, acolitada pelo gringo Salazar e seus amigos, fariam um movimento para a organização do reinado do Prata.

A aventura obteve pleno êxito e Carlota Joaquina, no dia seguinte da sua fuga, lá estava, vestida de marinheiro, na corveta britânica que zarparia para o Sul, demandando as províncias do Prata.

O caso novelesco da evasão da Princesa encheu de susto o Príncipe Regente, que, apavorado, recorreu ao ministro Conde de Linhares, ao secretário e favorito Lobato, e ao temeroso Intendente da Polícia.

Todas as providências tomadas foram inúteis. Durante um dia inteiro nem a mais leve pista foi conseguida. Encontraram apenas sinais do escalamento no muro do Convento e só isso.

E o caso que preocupava toda a atenção do governo não obtivera outro esclarecimento senão esse: a Princesa fugiu do Convento - e mais nada.

- *Essa mulher*, gritava o Conde de Linhares ao Intendente de Polícia, *não é um fantasma que desaparece assim de repente. Deve estar no Rio, deve, não, está com certeza, e o senhor Intendente com cinquenta agentes de polícia, ainda não*

descobriu indício algum que o leve a encontrar Sua Alteza D. Carlota Joaquina?

- Mas, senhor Ministro, eu não posso fazer milagres. Meus agentes secretos, sem descanso nem para comer, varejaram a cidade inteira e seus arredores e, exaustos, todos eles ficaram na mesma sem poderem fornecer o mínimo esclarecimento sobre essa aventura.

- Pois então, senhor Intendente, o senhor com os seus agentes são uma cambada de imbecis. E é uma polícia desta monta que custa os olhos da cara ao erário público. Vou comunicar ao Príncipe Regente o resultado negativo de suas pesquisas, para que ele bem avalie a inépcia de um Intendente e de uma matilha de cinquenta cães desfarados[12] e inúteis.

Dando as costas ao Intendente, lá se foi o ministro Conde de Linhares na direção dos aposentos do Príncipe Regente.

D. João palestrava com o seu favorito Lobato, com Lord Strangford, ministro da Inglaterra, com o marquês de Irujo, ministro da Espanha, e com o conde de Anadia, ministro da Marinha do Reino de Portugal-Brasil-Algarves.

Tomavam nessa palestra as providências necessárias para um policiamento marítimo que evitasse a saída clandestina da Princesa Carlota Joaquina.

[12] Palavra inexistente - aqui significa sem faro

Todos os barcos ancorados na baía de Guanabara já tinham sido vasculhados pelas autoridades do porto do Rio.

Enquanto o Regente, os ministros, todas as autoridades, se afobavam no descobrimento da fugitiva, Carlota Joaquina, sossegadamente recostada no leito do comandante da corveta "Bedford", em conversa com o almirante Smith e com o refalsado[13] Chalaça, chasqueava[14], em frases de ridículo, o governo de Sua Alteza Real o Príncipe D. João.

No dia seguinte, o Chalaça, asilado na casa de seu pai, que era ourives da Casa Real, estabelecido com loja de joias na rua Direita, meditava sobre os acontecimentos passados. O almirante que lhe dera como adiantamento 200 soberanos, completara o pagamento dos seus serviços com mais outros 200. Com essa pequena fortuna de 400 moedas de ouro, premeditava o ex-criado do Paço a montagem de uma loja na rua do Ouvidor, fazendo cálculos de mundos e fundos, quando lhe surgiu pela frente a figura rubicunda do seu pai Antônio.

- *Chiquinho*, disse-lhe o austero ourives, *você já sabe da escandalosa fuga de Sua Alteza Carlota Joaquina?*
- *Ora, meu pai, isso até os ciganos do Rocio já sabem. Pois é assunto do dia.*

[13] Falso, fingido
[14] zombava

- *Imagine que o senhor Conde de Linhares, ministro do reino, ofereceu um prêmio de 1000 cruzados e mais um bom emprego no Paço para quem descobrir o paradeiro da princesa.*

Ao ouvir tais palavras os olhos escuros e inexpressivos do ex-criado do Paço tomaram um fulgor repentino. E sua consciência azinhavrada, como que ferida pela idéia de lucros e proventos, distendeu-se na ânsia de uma traição.

- *Afinal*, disse ele com os seus próprios botões, *eu servi à Princesa, que é uma espanhola; servi ao almirante, que é um inglês; porque não hei de servir também ao príncipe D. João, que é um português de raça e ainda por cima meu soberano? Ora bolas, já estou quites com a espanhola e com o inglês, porque o meu serviço era apenas tirar a Princesa do Convento da Ajuda e levá-la para bordo da corveta "Bedford". Fiz o que prometi, pagaram-me o serviço. Agora tenho o direito de tratar dos meus interesses.*

Mal acabara o seu raciocínio, levantou-se, despediu-se do pai e calmamente, com a serenidade de um sacerdote que vai ao templo cumprir suas obrigações sacras, ou como um crente que sai da igreja com a alma tranqüila depois de uma confissão bem feita, sem o mais leve arrepio de consciência lá se foi o safardana em direção ao Paço.

Ao avistá-lo na porta principal do Palácio Real, o Intendente do serviço interno da Casa do Rei deu-lhe voz de prisão, porque era pública e notória a

proibição de seu ingresso em qualquer repartição pública e principalmente no Paço.

Chalaça, imperturbável, contou ao intendente que fôra ao Paço para prestar um grande serviço ao Príncipe Regente, um serviço de tal monta que constituía um segredo de Estado e que somente ao soberano o revelaria.

Tendo conhecimento da prisão do Chalaça dentro do Paço e das suas alegações, Lobato, secretário e camareiro do Regente, levou ao conhecimento do seu Senhor essa abespinhada aparição do Francisco Gomes e da sua pretensão de prestar um serviço ao Príncipe com a revelação de um segredo de Estado.

D. João achou conveniente ouvir o malandro e mandou que ele entrasse.

- *Por aqui, seu mandrião? Não o expulsei do meu serviço? Não lhe proibi a entrada no Palácio em qualquer hipótese?*

- *Saiba V. Alteza Real que eu seria indigno de ser um súdito português, indigno de minha família e de minha pátria, a mais vilã das criaturas humanas, se não viesse aqui hoje ajoelhar-me aos seus pés, beijar-lhe as mãos e pedir-lhe mil perdões por ter transgredido as suas ordens reais. Mas, Senhor, mesmo com o risco de ser enforcado e espostejado*[15]*, aqui estou, contra a vontade de V. Alteza Real, para lhe prestar um serviço, que nem*

[15] esquartejado

os seus poderosos ministros, a sua ardilosa polícia, todas as autoridades de Mar e terra até agora não lhe puderam prestar.

- Então, seu malandro, você se julga mais poderoso que meus ministros, do que a Polícia e todas as autoridades de Mar e Terra?

- Mais poderoso, não, Alteza. Talvez mais feliz no conhecimento dos mistérios da Corte, na descoberta de coisas interessantes, e permita-me dize-lo, favorecido por Deus no desejo de agradar V. Alteza Real, revelando-lhe um segredo que os poderosos ainda não puderam decifrar.

- Vamos ver que segredo é esse, seu Chalaça.

- Consta que o senhor Conde de Linhares ofereceu um emprego no Paço e 1000 cruzados a quem lhe revelasse o esconderijo da Princesa Carlota Joaquina. E, em vez de procurar o senhor ministro para lhe dizer onde se acha a Princesa e lhe pedir o pagamento do prêmio da minha descoberta, procurei Vossa Alteza para lhe dizer onde se acha a sua augusta e excelsa esposa.

- E em troca do seu segredo o que deseja?

- Apenas o perdão de V. Alteza Real, para mim, e para a dama de honra da princesa Maria Thereza.

- Você e a sua amante Eugênia, depois do escândalo dos seus amores, querem voltar ao serviço das casa Real?

- Querer não queremos. Apenas eu e ela rogamos a Vossa Alteza perdão para os nossos pecados, descobertos numa hora infeliz. O conde de Linhares ofereceu dinheiro e emprego. Desprezei a oferta do ministro poderoso para vir aqui ajoelhar-me aos pés do meu soberano, pedindo-lhe que me perdoe.

- Muito bem, seu "Chico" Gomes, você é um homem terrível, um demônio que sabe tentar e seria capaz de virar no avesso até Santo Antônio ou São Francisco de Assis. Eu perdôo a você e à dama Eugênia e os reconduzirei ao serviço do Paço, e ainda mais, mandarei dar-lhe não mil cruzados que o conde de Linhares prometeu, porém 3.000 se me disser onde se acha escondida a minha esposa. Olhe, seu Chalaça, o serviço que você vai me prestar é tão grande, que eu lhe prometerei uma comenda. Agora vamos ver o seu segredo: onde está a Princesa minha esposa?

- Saiba V. Alteza Real que a Senhora Carlota Joaquina está no camarote do comandante da corveta inglesa "Bedford", sob a proteção do senhor almirante Sidney Smith, comandante da Esquadra Britânica do Atlântico do Sul. E foi esse almirante que tramou a fuga da Princesa do Convento da Ajuda. Saiba mais V. Alteza que a Senhora Carlota Joaquina está em "travesti" de marinheiro, registrada a bordo com o nome de Alonso Carqueja. Ainda mais, é preciso que Vossa Alteza saiba também que a corveta "Bedford" zarpará do nosso porto com destino a Buenos Aires, amanhã às 2 horas da tarde.

D. João e o seu favorito quase desmaiaram de prazer porque essa revelação, além do interesse de estado que era a descoberta do paradeiro da Princesa, implicava numa punição do almirante Sidney Smith pelo almirantado britânico.

E D. João sofrera muitas humilhações desse almirante e gostava dele tanto como o Diabo da Cruz, embora o homenageasse de vez em quando...

ĐŊĆĐŊĆĐŊĆ

10 - A Prisioneira do Convento D'Ajuda

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O episódio da reclusão de Carlota Joaquina no Convento da Ajuda, foi tirado do livro de Clemente Oliveira "Os tumores dos Braganças". A tradição também guardou esse episódio, pois ouvimos, aqui no Rio, a senhora Euzébia de Toledo, respeitável matrona de oitenta anos, dizer que sua avó, que foi do serviço de Carlota Joaquina, contava o negócio dos brilhantes da Princesa, a sua briga com o Regente e o seu recolhimento no Convento da Ajuda. D. Euzébia de Toledo é neta de Mariana da Silva, dama do serviço da Princesa do Brasil, em 1808, 1809 e 1810.

Senhor, disse alvoroçado o famoso Lobato, favorito de D. João, a senhora Carlota Joaquina está aí na antecâmara, e quer falar imediatamente a Vossa Alteza Real.

- Ela está de boa cara, Lobato?

- Parece-me que vamos ter tempestade, Alteza.

- Pois então mande- a entrar e fique ao meu lado.

- O Sr. intendente de polícia quer uma audiência e também está na antecâmara.

- Depois da Princesa mande-o entrar.

Logo depois D. João, prazenteiro, perguntou à esposa:

- *Então a que devo a subida honra da visita da minha amada mulherzinha, a quem não vejo há três meses?*

- *João*, disse Carlota Joaquina, *vim aqui pedir-lhe para, no cofre dos brilhantes da coroa, escolher um deles. Depois de amanhã nossa filha Maria Thereza faz anos e desejo dar-lhe esse brilhante de presente.*

- *Ora, é com grande prazer que satisfarei sua vontade, minha querida esposa.*

Em seguida, o Príncipe Regente foi ao cofre forte, dele retirou a famosa caixa de charão de fundo azul, e expôs aos olhos da mulher milhares de quilates de lindas e ofuscantes pedras preciosas.

Carlota Joaquina olhou todas aquelas gemas admiráveis, e depois de quase meia hora de procura, destacou uma pedra cor de rosa, olhando-a de encontro à luz. Verificou então que aquilo era um berilo, o famoso berilo cor de rosa, a que se referira o Chalaça. Obtida a certeza de que o Chalaça não lhe mentira, virou-se para o Príncipe Regente, e de sopetão, correndo para ele, ameaçadoramente, gritou-lhe enfurecida:

- João, tenho certeza absoluta que os meus brilhantes estão aqui e que as minhas joias foram despojadas das pedras verdadeiras.

- Ora, que maluquice é essa? Então eu, que tenho mais de vinte milhões de cruzados em pedras preciosas, precisaria furtar os seus brilhantes, minha querida mulherzinha?

- Precisar, não precisava, mas que você os furtou, isso furtou...

Virando-se para o Lobato, disse D. João, já temeroso e fechando a caixa de charão:

- Lobato, chame o Intendente da polícia para ser testemunha de um crime de lesa-majestade: uma princesa que chama o Regente de ladrão de jóias...

O favorito, percebendo que D. João estava intimidado com a atitude da esposa, foi à antecâmara e trouxe consigo o Intendente de polícia.

- *Sr. Intendente*, disse Carlota Joaquina, *eu acuso o Príncipe Regente de ter furtado os meus brilhantes. Minhas joias, apreendidas pela Polícia no barco Bellesten, foram trazidas aqui e o Príncipe Regente ordenou ao ourives da casa real, o Sr. Antônio Gomes, que substituísse os brilhantes verdadeiros por falsos, restituindo-me, dois dias depois, o cofre apreendido. É um caso de furto. Eu acuso...*

- *Alteza*, disse o Intendente, *esse caso...*

- *Esse caso*, continuou D. João, *é mais uma loucura de quem vive no mundo da lua, como a querida mulherzinha que Deus me deu.*

- *Eu sou louca, mas nunca furtei ninguém. Quero os meus brilhantes, e daqui não saio sem que me sejam restituídos.*

Pálido, nervoso, apavorado, D. João não sabia o que fazer, quando o favorito Lobato interveio:

- *A senhora Carlota Joaquina mandou brilhantes ao cabildo de Montevidéu e o cabildo recebeu pingos d'água, segundo afirmam.*

- *Afirmam, não. É verdade*, aparteou Carlota Joaquina.

Recuperando a calma, e encorajado pela presença do Lobato e do intendente, D. João respirou, tomou uma pitada de rapé e, já senhor de si, falou:

- *Senhora minha esposa, o seu cofre de jóias esteve dois dias comigo, depois foi entregue à você e em seguida foi ao Salazar. Um de nós três deveria ter feito a substituição dos brilhantes verdadeiros por falsos. Minha mulher não foi, é certo, porque é a prejudicada. Logo, ficaremos na berlinda eu e o gringo de Montevidéu. Este, que é um mestiço de índia guarani com catalão, pertence a uma raça de aventureiros. É um audacioso carbonário, que pretende levantar revoltosos contra o rei de Espanha, meu sogro e pai de minha*

mulher, a queixosa de agora. É um mestiço louco por dinheiro e por dinheiro capaz de vender a alma ao diabo. Um 'mameluco', digo tudo. Eu sou o esposo da vítima, Regente do reino, descendente de reis e futuro rei, dono da mais formosa e rica coleção de brilhantes do mundo. Tenho mais de vinte milhões em brilhantes brasileiros. Serei eu o ladrão?

- *Juro que o caudilho Salazar não é ladrão*, gritou Carlota Joaquina.

- *E se jurar que sou eu o ladrão, mandarei prendê-la por crime de lesa-majestade*, bufou o Regente, fingindo uma cólera repentina. E acrescentou:

- *Sr. Intendente, se minha mulher disser agora ou depois que sou eu o ladrão dos seus brilhantes, tem ordem expressa para prendê-la e encerrá-la no convento D'Ajuda, incomunicável.*

- *Pois eu juro...*

- *Não jure, senhora, não jure*, sussurrou ao lado o favorito Lobato. *Vossa Alteza está na presença do Regente do Reino de Portugal, Brasil e Algarves.*

- *Carlota Joaquina*, disse D. João, *no século passado foram mandados de São Paulo para Lisboa alguns caixotes de ouro para el-rei D. João V, um dos meus avós. O ouro, ao atravessar o oceano, foi transformado em chumbo. Saiu ouro de São Paulo e chegou chumbo em Lisboa. Tal qual os brilhantes da Princesa. Saíram brilhantes do Rio e chegaram pingos d'água em Montevidéu. Salazar*

não foi o mágico, porque a minha esposa tem nele confiança cega e jura pela sua inocência. Eu não fui, porque um rei não furta, e quando quer alguma coisa, sendo absoluto como eu sou, confisca e se apodera do que lhe apetece. Ademais sou o esposo querido e respeitado da queixosa e uma boa esposa, mesmo que o seu marido fosse ladrão, seria miserável e ignóbil se o acusasse. Amigo Lobato, vá naquela estante e venha ler aqui o que o cronista d'el-rei D. João V escreveu sobre o ouro que virou chumbo, para minha esposa ouvir e verificar que o seu caso não é o único na história do Reino.

O favorito foi e depois, de pé, ouvido por Carlota Joaquina, pelo intendente e pelo Regente, leu com voz pausada:

> *"Em 1728 partiu do Brasil para Lisboa o padre André dos Santos conduzindo o ouro dos direitos reais, em quatro cunhetes[16] e mais sete arrobas dos particulares. Remetia-os Rodrigo Cesar, governador, então de Cuiabá, a Sebastião Fernandes, em São Paulo. Este reteve-os alguns dias, mandando-os logo para o Rio de Janeiro, donde seguiram para Lisboa e onde chegaram chumbo em vez de ouro.*
> *O portador era um santo, o padre André dos Santos. Dos expedidores, um era fidalgo de proa, o governador, e outro o tesoureiro d'el-rei em São Paulo, Sebastião Fernandes. O*

[16] caixa, caixote, barrilete ou equivalente onde se acondicionam e transportam munições de guerra

abridor dos caixotes em Lisboa, o guardião do tesouro real. De quem a culpa? Feito o processo, resultou o seguinte, depois de tudo averiguado, no relatório do famoso caso:

(...)havia dois pareceres, uns diziam e afirmavam com razões muito querentes, como testemunhas de vista, ver o chumbo metido em caixões pelo mesmo general Rodrigo Cesar Menezes, na vila de Cuiabá, quando fez a entrega; e havia quem afirmava que vira com os seus olhos comprar o chumbo, e nomeava qual o pajem de palácio que o fôra comprar, declarando o mercador que o vendera. Afirmavam outros como testemunhas de vista e ciência certa em como a troca fôra feita pelo provedor de fazenda Sebastião Fernandes do Rego, em São Paulo, que teve os caixões em sua casa, cinco dias antes que os remetesse para o Rio de Janeiro; houve tal que jurou ter visto os cunhetes abertos debaixo da cama de Sebastião Fernandes, levantando cada um conhecidos aleives, com que queriam justificar essas opiniões, conforme suas desordenadas paixões; lapso com que o comum inimigo prendeu muitas almas, porque, como ambos os séquitos afirmavam de vista, algum deles mentia, e o certo é mentirem todos: e quem quiser saber quem fez a versão do ouro em chumbo, eu o direi: - o general era fidalgo e português, e rico de tal sorte que remediava a muitos, principalmente a pobres, como fizera em São Paulo, no Cuiabá e pelo caminho na vinda e na ida, que a todos os pobres carregava e sustentava mandando assistir aos enfermos com o necessário; era

> católico amante do rei e interessado nos serviços da Coroa, para os acrescentamentos de sua pessoa, e a si o mostrava nos excessos da arrecadação da Real Fazenda: enfim era Cesar por nascimento e Cesar conquista e não rouba. - O provedor, com menos obrigações e mais relevantes provas de sua inocência, abundante de bens da fortuna, a muitos pobres dava abono desinteressadamente; estabelecido em contratos e negociações, amigo de honras, prudente, ciente do bem e do mal e da pena em que incorria quem cometesse tal absurdo, e finalmente não teve tempo de fazer tal coisa, por ter os caixões sempre à vista de todos por aquele tempo que passaram em sua casa até que os remetesse. Resultou da devassa prender-se Sebastião Fernandes e seqüestrarem-lhe os bens, e sendo remetido para Portugal foi posto em livramento e saiu solto e livre, mandando-se-lhe entregar todos os seus bens e honras; e o general Rodrigo Cesar foi promovido para o governo de Angola, com todas as antecedentes, honras e privilégios; pelo que todos os que culparam uns e outros mentiam, jurando e afirmando falsamente para satisfazerem suas paixões. Quem mudou o ouro em chumbo não foi nenhum mortal, mas sim... o próprio diabo."

- E agora, senhora minha esposa, está vendo como o tinhoso faz das suas? O mesmo diabo que em 1728 transformou o ouro d'el-rei em chumbo, com certeza fez dos seus preciosíssimos brilhantes uns vagabundos pingos d'água. Coisas do Diabo,

minha querida esposa. E agora não vá jurar por aí afora que o Regente furtou os seus brilhantes: como soberano absoluto poderei mandar cortar-lhe a cabeça, tal qual o rei Henrique VIII costumava fazer às suas mulheres teimosas, e como esposo injuriado, se não quiser condená-la à morte, poderei encerrá-la num convento pelo resto de sua vida.

Carlota Joaquina não pôde conter-se. Levantou-se e lançando um olhar de ódio para o marido, num gesto de revolta incontida, gritou-lhe na cara:

- *Ladrão... cínico!*

- *Prenda essa mulher, Sr. Intendente, e leve-a até segunda ordem para a clausura do Convento d'Ajuda*, ordenou o Príncipe Regente, num assomo de energia repentina contra a esposa.

E lá se foi Carlota Joaquina como prisioneira do Estado no Convento D'Ajuda, dizendo do Regente as piores coisas deste mundo, coisas que o famigerado Mafoma[17] não chegou a dizer do toucinho...

ജശജശജശ

[17] Maomé

11 – As espertezas de João Burro

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O assunto deste capítulo foi tirado dum panfleto de Cipriano Barata.

Carlota Joaquina chegou ao Paço bufando de raiva. Então ela, mulher do Príncipe Regente, filha do Rei da Espanha, ser assim importunada, sem mais nem menos, pelo Sr. Intendente de Polícia que ia buscá-la em nome do soberano... Isso, por certo, era uma afronta. Ajustaria contas com o marido.

- *Alteza, o Sr. Intendente de Polícia e a Princesa Carlota Joaquina estão na antecâmara,* murmurou ao lado de D. João, o favorito Lobato, acordando o príncipe de uma soneca.

- *Mande- os entrar, Lobato*, disse D. João levantando-se depressa.

Entraram o intendente e a princesa.

- *Então, senhor, é hábito entre os príncipes portugueses importunarem as esposas com intimações de intendentes de Polícia*?

- *Senhora,* disse D. João, *é um caso de polícia e por isso foi o Sr. Intendente buscá-la em meu nome.*

- *E que caso de polícia é esse*?

- *Senhora, aqui está o seu cofre de joias*, disse D. João indicando à esposa o cofre que se achava ao lado, num aparador de pau-santo. *Queira abri-lo e verificar se as joias são suas.*

Carlota Joaquina empalideceu e dirigindo-se para o cofre, abriu- o e verificou que as suas joias ali se achavam.

- *São as suas joias, senhora*?

- *São.*

- *Pois bem, essas joias foram encontradas a bordo de um barco atracado neste porto e ali foram entregues a um estrangeiro por um ex escravo. Presumia o Sr. Intendente que fossem roubadas por esse crioulo. Ontem, a Senhora esteve em Mata-Cavalos e por isso não pude falar-lhe. Regressou de noite. Não quis importuná-la.*

- *E o que fez o intendente?*

- *O platino está na prisão de segredo do Estado. O Felisbino está no tronco.*

- *E porque cometeu o sr. Intendente essa crueldade*?

- Por ordem minha. Depois, Carlota, arrecadei esta carta que, com letra sua, se dirige ao cabildo de Montevidéu, remetendo-lhe todas as suas joias para fomentar uma sublevação de forças do Rio da Prata. Já lhe disse e repeti muitas vezes que a Inglaterra se queixou de sua louca ambição relativamente à política das províncias do Prata.

- E que tenho eu que ver com a Inglaterra?

- Se você não tem que ver com a Inglaterra, tenho eu que sou Regente do Reino. E o Reino, pelo menos por enquanto, deve satisfações a lorde Strangford, ministro de nossa aliada no Rio de Janeiro.

- Lorde Strangford tem feito queixas de minha política no Rio da Prata?

- Muito e muito. Quase todo mês apresenta uma queixa.

- Pois bem. Não desisto de minha política do Rio da Prata. As joias são de minha propriedade e delas disponho como bem entender. Uma carta foi escrita por mim. Escreverei outra.

- Não é preciso. Mande esta. Aqui está a sua carta ao Salazar. Aqui estão as suas joias. Faça delas o que quiser. Mas se precisar de um cruzado sequer para qualquer necessidade sua ou de sua casa não conte comigo nem com o erário público. Dá você loucamente cerca de dois milhões de cruzados em joias para um gringo? Pois quando precisar de dinheiro, arranje-se com os seus amigos gringos...

- *Não vim aqui sofrer injúrias*.

- *Mas para prestar contas à Justiça de El-Rei. O seu caso parecia um caso de polícia. O Sr. Intendente supôs a princípio que se tratasse de um roubo.*

- *Já lhe disse que o meu criado Felisbino e Florêncio Salazar apenas eram meus emissários.*

- *Pois bem. Soltarei da cafua o Florêncio e mandarei tirar do tronco o seu crioulo Felisbino. Restituirei as suas joias e poderá mandá-las a quem quiser e para onde quiser. Exijo apenas uma condição...*

- *Qual é*?

- *Você vai agora mesmo escrever uma carta ao rei de Espanha, seu pai, contando-lhe que mandou as suas joias para Montevidéu ao caudilho Salazar para vendê-las ou empenhá-las e com esse dinheiro armar partidários de sua causa no Prata e que eu a censurei diante de uma reclamação diplomática do ministro inglês Lorde Strangford. Concorda*?

- *Concordo*, respondeu secamente Carlota Joaquina.

E ali mesmo a princesa escreveu a carta ao pai que seria enviada pelo Príncipe Regente.

Postos em liberdade os emissários de Carlota Joaquina, devolvido o cofre de joias e a carta dirigida ao cabildo, a princesa regressou aos seus penates[18], enquanto as suas joias lá iam mar afora para as mãos do esperto gringo Salazar.

O Príncipe Regente, depois de remeter a carta da esposa para o Rei de Espanha, em que ela se acusava de um verdadeiro crime de lesa-majestade, qual o de fomentar o levantamento geral das províncias do Prata, com armamentos comprados com a venda de suas próprias joias, esfregou as mãos de contentamento, porque ficara com os diamantes verdadeiros de Carlota Joaquina, enquanto os falsos é que iam encastoados nos braceletes, colares, diademas, broches, e anéis, destinados ao cabildo de Montevidéu.

- *Boa peça lhe pregamos, seu Lobato*, dizia o Príncipe Regente ao favorito.

- *Magistral, Alteza, magistral peça*, respondeu o palaciano.

- *Veja só, seu Lobato, veja só que coisa engraçada. Ela diz que sou João Burro, mas sempre é ela que sai lograda. Um burro sempre passa a perna na gatinha brava e assanhada...*

- *Senhor, Lorde Strangford, Ministro da Inglaterra, disse outro dia ao marquês de Irujo, que Vossa Alteza é o homem mais esperto do seu reino... e*

[18] Lares, casas paternas

que quando o procurava para negócios diplomáticos sempre o fazia com medo de ser embrulhado...

- *Boa piada, seu Lobato. E o que não diria esse inglês se soubesse algum dia do negócio das joias de minha esposa, que saíram do Rio como brilhantes e chegaram em Montevidéu como pingos d'água*?

***

Tempos depois Carlota Joaquina recebia uma carta do cabildo de Montevidéu contando-lhe que recebera as joias e não as vendera por serem falsas. A Princesa espumou de cólera.

- *Oh!* Gritava ela enfurecida. *Hei de pôr isso em pratos limpos. Nisto há um ladrão. Será o Salazar?*

E pairou a dúvida no seu espírito se o caudilho Salazar teria usado desse estratagema para ficar com os seus diamantes sem fazer a prometida revolução. Realmente, a revolução não se fez, por falta de um milhão de cruzados para os armamentos, ficando, contudo, a Princesa Carlota Joaquina sem as suas preciosíssimas joias...

Ficou nessa ocasião sem as suas joias e sem o seu amado sonho de Rainha do Rio da Prata e por cúmulo, ainda recebeu um formidável pito do pai, o Rei da Espanha, que a ameaçava de mandar buscá-la no Rio de Janeiro e, de acordo com o Príncipe Regente, seu esposo, interná-la num convento da Catalunha, de freiras reclusas,

chamando-a de má esposa, má filha, e mulher sem princípios.

E apesar de tudo, ainda Carlota Joaquina continuava a dizer na intimidade:

- *Ora o João... Que é o João? Esse idiota que governa o reino irá para a História com a alcunha de João Burro...*

E fôra João Burro que lhe arranjara essas prebendas[19]...

ﮩﮩ

[19] Transtorno, maçada

12 - O Brilhante Cor de Rosa

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O Dr. Francisco Gomes da Silva Filho, na biografia que fez do pai, conta que Carlota Joaquina deu a Chalaça um formoso e riquíssimo brilhante cor de rosa, por serviços de suma importância. Cipriano Barata conta o caso mais ou menos como contamos.

A princesa Carlota Joaquina regressava do seu banho de mar na praia de Botafogo, quando foi avisada de que o "Chalaça", a quem dedicava um ódio mortal, por ter sido um dos espiões que corvejavam em torno de sua vida aventurosa, queria falar-lhe com urgência.

- *Não quero ver esse canalha*, disse a princesa à dama de serviço da sua casa. *Quando ele era serviçal do Paço, pertencia ao grupinho de esbirros do príncipe meu marido. Agora que de lá foi expulso por imoralidade, vem aqui, feito cachorrinho sem dono, procurar-me como patroa...*

- *Alteza*, retorquiu a dama de serviço, *esse indivíduo parece que terá revelações interessantes a fazer-lhe.*

- *E por que*?

- Disse-me que vinha abrir os olhos de Vossa Alteza sobre o caso das joias.

- Ah! Ele lhe disse isso?
- Sim, Alteza, e afirmou mais ainda que desejava vingar-se do Príncipe Regente por tê-lo expulsado do Paço, onde era moço do reposteiro.

- Bem, bem. Talvez me convenha fazer as pazes com esse canalha. Mande-o entrar na minha sala de leitura.

***

Francisco Gomes da Silva, o famigerado "Chalaça", já se impacientava de tanto esperar, pois fazia uma hora que ali estava, quando a princesa abriu a porta da sala de leitura e foi ao seu encontro.

- Oh! Alteza, permita que o mais vil dos homens, vil por ter sido seu desafeiçoado lhe peça perdão, mil perdões, por ter servido o esposo de tão excelsa princesa...

- E por ter servido o meu esposo foi meu inimigo?

- Sim, confesso que fui o chefe dos homens que espionavam os passos de Vossa Alteza, por ordem de seu esposo...

- E agora que o meu marido o colocou na rua feito cachorro sem dono, vem você pedir a minha proteção?

- Alteza, seria eu muito imbecil se viesse aqui nas condições de cachorro sem dono.

- E então o que veio fazer?

- Prestar um grande serviço a Vossa Alteza.

- Sabe alguma coisa sobre o caso das minhas joias?

- Sei. Minha excelsa Senhora. Sei tudo.

- E o que sabe?

- Senhora, como não vim como cachorro sem dono, na expressão de Vossa Alteza, vim, contudo, trazido por dois sentimentos nobres: o ódio e o amor. Ódio do esposo de Vossa Alteza, que é seu inimigo, e que me expulsou do Paço como um sandeiro[20]*, e amor à senhora açafata Eugênia, do serviço da princesa Maria Thereza, filha de Vossa Alteza.*

- E o que pretende de mim em troca de suas revelações?

- Quanto ao meu ódio, Vossa Alteza ao ter conhecimento das minhas revelações será o executor dele.

- E pensa então que para satisfazê-lo iria brigar mais uma vez com o meu marido?

---

[20] indivíduo que age como um tolo; idiota, pateta

- Brigar somente, Alteza? Seria pouco para o que o Príncipe Regente lhe fez. Iria odiá-lo mais ainda do que eu o odeio.

- Muito bem, desembuche agora o seu segredo.

- Não ainda, Alteza. Há o outro lado: o do amor.

- E o que tenho eu com isso?

- Tem muito. Foi Vossa Alteza que indicou ao Príncipe Regente o dia, o lugar e a hora do meu encontro amoroso com Eugênia Costa, na saleta de costura da infanta Maria Thereza.

- Dei-lhe até a subida honra de ser eu própria a guia do meu marido no flagrante...

- Isso mesmo, Alteza. Agora, desejo e peço-lhe que seja o anjo benfeitor de minha adorada Eugênia, levando-a para a companhia do seu marido que é fornecedor comercial de Vossa Alteza e que a receberá com alegria, desde que seja a esposa do seu soberano quem a leve para o regaço do lar...

- Se o seu segredo valer tanto...

- Vale mais, Alteza, vale muito mais. Por ele Vossa alteza odiará de morte o seu esposo; e por ele Vossa Alteza irá restituir Eugênia a seu marido e ao serviço da Princesa Maria Thereza.

- Ah! Então os seus desejos crescem, sobem, à medida que vai falando?

- Sim, Alteza, ouro vale o que ouro é. E o meu segredo é ouro para Vossa Alteza.

- E exige por ele que eu devolva Eugênia aos braços de Antônio Costa, fornecedor de meu palácio?

- E depois novamente ao serviço da Princesa Maria Thereza, da qual foi expulsa por causa...

- Por minha causa, não é isso?

- É isso mesmo, Alteza.

- Sua amante foi expulsa do Paço, como você, egrégio malandro, por imoralidades...

- Oh! Alteza, não seja tão severa assim. Foi um caso de amor. E Vossa Alteza bem sabe que o amor chega a cegar até os príncipes e reis.

- *Vamos, vamos,* disse Carlota Joaquina, mordendo os lábios e percebendo a indireta. *O que você quer, Chalaça, é que eu restitua ao serviço de minha filha e aos braços do esposo traído a gorducha Eugênia, a sua Dulcinéa, que está atrapalhando agora a sua vida. Pois bem, negócio é negócio, e se você tem, como diz, um grande segredo a revelar-me sobre o caso das minhas joias, eu me comprometo a reconduzir Eugênia à primitiva situação de querida esposa do meu fornecedor, e respeitável dama de honra do serviço da infanta Maria Thereza. E agora desembuche o seu segredo.*

- Alteza, sei que desconfia do seu agente nas províncias do Prata. Julga que foi ele quem ficou com os seus diamantes e depois, para não fazer a revolução prometida, mandou dizer-lhe que os mesmos eram falsos.

- E como sabe dessa particularidade?

- Ora, o esposo de Vossa Alteza é muito astucioso e sagaz e para desmoralizar Vossa Alteza e o caudilho Salazar, mandou o favorito Lobato espalhar pela cidade que a Princesa Carlota Joaquina enviara as suas joias ao caudilho Salazar, e que Salazar jurava que recebeu apenas uns vagabundos pingos d'água...

- E isso corre pela cidade?

- Ainda ontem era assunto até das negras carregadoras de água da Bica do Carioca e das ciganas do largo do Rocio.

- Essa sua revelação não vale um ovo choco, seu Chalaça.

- É o intróito do meu segredo. Eu sei quem fez a substituição de suas joias e como foi feita aqui no Rio.

Carlota Joaquina pulou da cadeira onde se achava e, frente a frente com o Chalaça, com as veias saltadas, narinas dilatadas, olhos faiscantes, segurou-o com frenesi pelos braços, sacudiu-o nervosamente, uivando de ódio.

- Pois se me disser o nome do ladrão dos meus brilhantes, eu juro por Cristo Crucificado que farei o que você pedir e esquecerei o ódio que até agora lhe tive. Quem é o ladrão dos meus brilhantes? Quem é o ladrão?

- O ladrão é o Príncipe Regente, esposo de Vossa Alteza.

- Ele? O meu marido? Mas como poderia ter feito isso, e por que me roubou os brilhantes, se é dono da mais bela coleção de pedras preciosas que há no mundo?

- Alteza, o Príncipe Regente não queria que o caudilho Salazar fizesse a revolução no Prata. As joias de Vossa Alteza dariam um milhão de cruzados, e com esse milhão o Sr. Salazar faria o levante de tropas. O Príncipe Regente sabe de tudo, e, o Intendente de polícia tem os mais espertos agentes secretos vigiando os passos de Vossa Alteza. Apreendendo o cofre de joias e a carta de Vossa Alteza, mandou chamar meu pai, ourives da casa real, e exigiu-lhe que em dois dias fizesse a substituição dos brilhantes verdadeiros por pingos d'água. Meu pai, achando pouco o tempo, mandou chamar-me e secretamente sem que o Príncipe Regente o soubesse, porque estou exilado em Itaboraí, ajudei o meu velho no serviço e fiquei a par do embuste praticado contra Vossa Alteza e contra o Sr. Salazar.

- E os brilhantes desmontados?

- Os brilhantes desmontados foram entregues por meu pai ao Sr. Príncipe Regente, com exceção de um, que furtei, e foi de menos para as mãos do Regente. É aquele brilhante rosado que estava na face esquerda do diadema. O Príncipe, na sua confiança cega no seu ourives, não verificou os diamantes e eu, no lugar do belo brilhante cor de rosa, coloquei um vistoso berilo róseo, que é o que está no cofre do Regente.

- *E esse brilhante*?

- *Aqui está, Alteza.*

Carlota Joaquina reconheceu o belo brilhante cor de rosa do seu diadema e examinando-o, suspirou, dolorosamente ferida pela revelação.

- Alteza, disse o Chalaça, meu pai cumpriu as ordens do seu soberano. Não é criminoso por isso. A alma negra de D. João é o favorito Lobato. Ele talvez fosse o conspirador desse caso revoltante de embuste e dolo.

Depois de pensar um instante, Carlota Joaquina virou-se para o Chalaça e disse:

- *Chalaça, o seu segredo vale mais do que você me pediu. Não sou usurária como meu marido. Costumo pagar bem aos que me servem bem. E o serviço que acaba de me prestar vale um régio presente. Esse brilhante que você roubou do diadema, substituindo-o por um berilo, é meu. Eu dele me apodero agora para dele me desfazer. Dou-lhe de presente essa pedra preciosa, agora é*

sua. Pode usá-la como lembrança de sua futura rainha.

- Alteza, quanto me lastimo de não ter estado ao seu serviço antes deste acontecimento...

- Pois ficará de ora em diante ao meu serviço. Meu marido o expulsou do Paço como um cão lazarento. Mandou publicar na "Gazeta" o ato oficial de sua expulsão, para que se tornasse público e notório o seu vilipêndio. Fez mais ainda: expulsou também a dama Eugênia, motivo dos seus amores. Pois bem, por tudo isso, você deve odiá-lo. Eu o odeio, e esse ódio nos guiará futuramente. De aliado de meu marido você passará a ser meu amigo devotado, não é isso?

- Alteza, serei o seu cão de fila...

- Meu cão de fila para estraçalhar, com o seu faro de mestre, as intrigas do Regente.

- Majestade, para isso e para tudo o mais que for preciso.

- Quem sabe o que faremos ainda? Só Deus sabe aonde me levará a minha vingança. Vá, Chalaça, vá embora, e leve esse brilhante cor de rosa como presente meu, como alvíssaras do seu segredo, do seu grande segredo que abriu os meus olhos para enxergar as vilanias do meu marido, o futuro rei de Portugal e Brasil.

ᢀᢀᢀ

13 – Um Tiro que Matou e Não Matou

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O episódio do tiro dado por Carlota Joaquina no favorito Lobato, a bordo de uma corveta inglesa, vem nos livros "Memórias de Carlota Joaquina", do Dr. Prejas, na obra "Carlota Joaquina", de Rubio, e no panfleto "Tumores dos Braganças", de Clemente de Oliveira. Cesar da Silva, na biografia "Carlota Joaquina", repete o caso do tiro, resumindo-o em três linhas apenas. O caso do entendimento do ministro inglês com o almirante vem na primeira das obras citadas e com mais particularidades nas histórias crespas do livro de Clemente de Oliveira.

Lobato, acompanhado de lorde Strangford, ministro da Inglaterra, fora à bordo da corveta "Bedford", onde se achava em travesti de marinheiro e com o nome suposto de Alonso Carqueja, a endiabrada esposa do Regente do Brasil. Apresentando a sua qualidade de embaixador da Grã-Bretanha, Strangford foi recebido com todas as honras pelo imediato do navio da esquadra inglesa.

- *O Sr. almirante, infelizmente, está em terra, Sr. Ministro.*

- *Pouco importa. Apresento-lhe aqui o Sr. Lobato, secretário particular do Príncipe Regente...*

- Oh! Very well, muito prazer...
- Sr. Capitão Stenton, interrompeu o Ministro, *eu e o secretário do Príncipe aqui viemos para um negócio de Estado, secreto e de grande importância.*

- Nesse caso, ordene, sr. Ministro.

- Desejamos saber se ontem foi registrado a bordo um marinheiro com o nome de Alonso Carqueja.

- Ontem, realmente, tive oportunidade de mandar registrar esse nome na referência de bordo, por ordem do almirante.

- E esse Alonso?

- Está no serviço do Sr. Almirante e instalado no próprio camarote de Sir Smith.

- Desejamos vê-lo imediatamente.

- Sr. Ministro, eu tive ordem do Sr. Almirante para tornar incomunicável essa pessoa e não permitir que ninguém a veja, e nem com ela tenha qualquer entendimento.

- Então é um prisioneiro?

- Não sei, Excelência, o que sei é que tenho ordens de não entregar essa misteriosa pessoa nem ao próprio Príncipe Regente, se aqui viesse buscá-la.

- *E não a entregaria a um embaixador especial de vosso soberano, o rei da Inglaterra*?

- *Excelência, eu cumpro ordens do meu comandante que é o Sr. almirante Sidney Smith.*

- *Pois nesse caso leia isto que há de mudar de idéia.*

O capitão John Stenton, imediato no comando da esquadra inglesa do Atlântico do Sul, com base de operações na baía de Guanabara, recebeu, com evidente curiosidade, o papel dobrado que lhe estendia o Ministro e, abrindo-o apressadamente, reparou logo no grande selo branco, com cercadura azul, do Ministério do Exterior do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. Depois leu, com visível demonstração de surpresa:

> *"O Ministro do Exterior da Inglaterra, em nome do Rei, pede, manda e ordena a qualquer autoridade inglesa, em caráter oficial ou em serviço secreto, que, à vista do presente instrumento de poder, atenda e obedeça, em negócios referentes ao Reino de Portugal, a lord Strangford, Ministro especial acreditado junto à corte portuguesa, ficando responsável por crime de lesa-majestade se não cumprir as disposições deste mandato. Dado e passado na cidade de Londres, aos 15 dias de junho do ano de 1807. Pitt - Ministro do Exterior."*

- *Excelência,* disse o capitão Stenton, restituindo o precioso e decisivo mandato, *diante desta ordem*

de el-rei meu senhor, por intermédio do Ministro do Exterior de minha pátria, eu estou às ordens do sr. Ministro da Inglaterra no Brasil. Excelência, estou às suas ordens.

- *Leve-nos à presença da pessoa que aqui está sob o nome de Alonso Carqueja.*

E foi assim que, desrespeitando as ordens severas do almirante Sidney Smith, o imediato, capitão Stenton, levou o ministro da Inglaterra e o secretário do Príncipe Regente ao camarote do comando, onde se achava Carlota Joaquina.

- *Quem bate*?

Gritou de dentro a princesa ao ouvir duas batidas na porta do camarote.

- *Capitão Stenton*, respondeu o oficial.

- *Espere um pouco, capitão*.

E, às pressas, Carlota Joaquina se preparou para receber o capitão.

Aberta a porta, foi com verdadeiro pasmo que ela deu de cara com o Lobato, ao lado do capitão e de lorde Strangford.

Entraram os homens. O capitão fechou a porta e dirigindo-se à princesa, desculpou-se:

- *Alteza, o segredo de sua presença aqui foi quebrado pelo ministro da Inglaterra, que me exibiu*

ordem terminante de obediência, emanada do meu soberano, por intermédio do Ministro do Exterior de minha pátria. Perdoe-me, Alteza...

- *Sr. Capitão, o Sr. ajustará as suas contas com o almirante. Nada tenho a perdoar-lhe.*

- *Senhora Princesa*, disse-lhe lorde Strangford, *tenho ordem do meu governo para apoiar o Príncipe Regente contra as suas pretensões políticas, e como o Príncipe Regente requisitou os meus bons ofícios neste negócio, pedindo-me que trouxesse o Sr. Lobato à sua presença...*

- *Já sei. Tudo intrigas e manejos deste tartufo*[21]*. Se ainda não sou Regente deste Reino, é porque esse canalha, por intermédio dum frade renegado, denunciou a conjuração de 1805, que me poria a Regência nas mãos e o meu marido no cárcere do Paço de Cintra, onde apodreceu vivo o seu antepassado Afonso VI.*

- *Senhora*, avançou com fingida humildade o Lobato, *eu sou apenas um mísero instrumento nas mãos do meu soberano, que é o esposo de Vossa Alteza.*

- *E que veio fazer aqui, seu farsante*?

- *Apenas ler a Vossa Alteza uma ordem do Príncipe Regente.*

- *Pois leia, biltre de uma figa, vá lendo...*

[21] Indivíduo hipócrita

E o Lobato foi lendo, antegozando a situação embaraçosa da Princesa, naquele camarote:

> *Eu, D. João, Príncipe Regente, etc., ordeno à minha muito amada esposa, a Senhora Carlota Joaquina, que acompanhe imediatamente o meu secretário Mathias Antônio Lobato até o Convento da Ajuda, onde será recebida pela Senhora Abadessa com todas as honras inerentes ao seu nascimento e privilégios devidos ao seu título de Princesa Real do Brasil. Rio, aos vinte dias do mês de outubro de 1808. João, Príncipe Regente.*

Enquanto o Lobato ia lendo esta ordem, com estudada lentidão, pronunciando sílaba por sílaba, Carlota Joaquina, que se achava junto de uma pequena mesa de bordo, foi abrindo uma gaveta e dela cautelosamente retirou uma pistola carregada.

Lorde Strangford e o capitão Stenton estavam com a atenção voltada para o secretário do Regente, não vendo, por isso, a princesa armar-se.

- *Então, seu Lobato, acredita que eu, uma mulher de sangue real espanhol, saia daqui aprisionada por um sandeiro como você, um reles descendente de almocreves do grande Felipe II, que chicoteou a cara de toda a nobreza de Portugal e que fez desse reino uma província mendicante do seu poderoso Império? Eu, uma espanhola, presa por você, e sob as suas ordens? Nanja, nanja seu canalha...*

- *Alteza, eu sou o humilde executor das ordens do meu senhor o Príncipe Regente...*

- *Pois vá executar as ordens desse bestalhão lá nas profundezas do Inferno... Vá logo... Vá, com esta azeitona na barriga.*

E mal acabara de falar, apontou para o Lobato a pistola e fez fogo.

Lobato, ao estrondo do tiro, arregalou os olhos, colocou as mãos na barriga e em seguida, apavorado, com todo o sistema nervoso distendido pela emoção, baqueou, numa das suas crises de epilepsia.

Contorceu-se, espumou, e depois, frio, hirto, sem respiração, foi examinado pelo capitão Stenton e por lorde Strangford. Puseram-lhe um espelho nas ventas. Nenhum sinal de vida. O sangue escorria da barriga. Carlota Joaquina, de pistola em punho, gritou como um leoa acuada:

- *Ainda tenho uma bala para o que pretender prender-me. Quer prender-me, Sr. Ministro da Inglaterra? Quer prender-me, Sr. Capitão Stenton?*

Ambos os ingleses, perplexos, titubeavam, inativos, desconcertados pela tragédia, quando com um brusco repelão a porta do camarote saltou fora dos eixos e surgiu uma figura de gigante ruivo, alto, de peito atlético, face de ave de rapina, com reflexos verdes no olhar, uns grossos punhos de magarefe.

- *Estão todos loucos? Que é isso*?

- *Almirante*, disse-lhe Carlota Joaquina, atirando-se nos seus braços, *matei o homem que era a alma negra do meu marido. Matei o Lobato, o cão de fila que me perseguia e me mordia os calcanhares há dez anos.*

- *Sr. Capitão Stenton*, ordenou o almirante, *mande este cadáver para o Paço, entregue-o ao Intendente de Polícia e enquanto vou conferenciar com Lord Strangford, queira fazer companhia, no tombadilho, à Senhora Princesa.*

Dois marinheiros, quase em seguida, carregaram o corpo ensangüentado do Lobato e o transportaram para o Paço, onde o entregaram na Intendência de polícia e enquanto o capitão Stenton passeava no tombadilho com a Princesa, os dois ingleses, o almirante e o Ministro, entendiam-se no camarote.

- *Sr. Almirante*, disse-lhe lorde Strangford, *morto o emissário do Regente, eu levarei a Princesa para terra e o senhor desde já se considere sob as minhas ordens.*

- *Sob suas ordens para que*?

- *Para obedecer-me.*

E ao dizer isso o Ministro mostrou ao almirante o instrumento de poderes que já fora exibido ao capitão Stenton.

- *Digo-lhe eu que quem está sob as minhas ordens é Lord Strangford.*

Em seguida, o almirante Smith se aproximou da parede do camarote, afastou um pequeno quadro, e daí surgiu um cofrezinho de segredo. Abrindo-o, o almirante dele retirou um papel selado e pondo-o nas mãos do Ministro, disse-lhe friamente:

- *Lord Strangford, o seu instrumento de poderes é de junho, e o meu de outubro, revogando o seu. Leia e disponha-se a obedecer-me.*

E o Ministro da Inglaterra no Rio de Janeiro leu perplexo:

> *"Instrumento de poderes concedidos ao almirante Sidney Smith, comandante da esquadra britânica no Oceano Atlântico do Sul, com base de operações no porto do Rio de Janeiro. Eu, Rodolfo Landers, ministro da Marinha do reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, peço, mando e ordeno a todas as autoridades britânicas, de mar e terra, civis e militares, que prestem todo o auxílio, e sirvam, e obedeçam ao Sr. Almirante Sidney Smith, comandante da esquadra britânica do Atlântico do Sul que, nos negócios do Rio da Prata, está encarregado, em caráter secreto, de incumbências recebidas diretamente do Sr. Ministro do Exterior, em nome do rei. Dado e passado em Londres, aos 15 de outubro de 1807. Rodolfo Landers, ministro da Marinha."*

- *Mas é uma ordem do Ministro da Marinha e eu cumpro ordens do Ministro do Exterior.*

- *Pois então leia este ofício que lhe é dirigido*.

Assim falando, o almirante entregou ao Ministro da Inglaterra um envelope lacrado, dirigido a Lord Strangford.

Com o rosto afogueado, leu o Ministro da Inglaterra o seguinte:

> *"Para o Ministro da Inglaterra no Brasil - Sr. Ministro. Razões de Estado obrigaram a diplomacia inglesa a tentar impedir oficialmente, por seu intermédio no Rio, os planos do Reinado no Prata, ideados pela Princesa Carlota Joaquina e a dar instruções ao almirante Sidney Smith, para, secretamente, proteger os propósitos da mesma Princesa. Em caso de necessidade, o Sr. almirante lhe apresentará esta e no momento em que a ler ficará subordinado à orientação do mesmo almirante, que ora está investido de uma função especialíssima e com instruções minuciosas sobre a política do Rio da Prata. Deverá portanto, se lhe for apresentada esta, agir sob a direção do almirante Sidney Smith, que, nesta emergência, o fará conhecedor das verdadeiras intenções da nossa verdadeira política sobre o Prata. Nessas condições, Lord Strangford deverá entender-se com o Príncipe Regente e dizer-lhe que a Inglaterra*

> *apoia as pretensões da Princesa Carlota Joaquina; ficando V. Excia. e o almirante Smith autorizados a facilitarem as manobras e tentativas nesse sentido. Dado e passado na cidade de Londres, aos 15 de Outubro de 1807. Pitt, Ministro do Exterior"*

- E porque somente agora é que me apresentou esta carta, Sr. Almirante?

- Porque somente agora julguei oportuno o momento.

- Entender-me-ei com o Governo do meu país. Isso é uma desconsideração pessoal.

- Lorde Strangford, tanto os senhores diplomatas como nós os soldados de el-rei, somos peças de um jogo de xadrez manejadas pelos dedos de inteligentes e astuciosos jogadores. Se o governo inglês achou que V. Excia. deveria publicamente combater os propósitos políticos da Princesa e eu ocultamente apoiá-los, é porque havia razão para isso. Mais tarde nos explicaremos demoradamente sobre esse assunto. Dir-lhe-ei algumas coisas que lhe farão cair o queixo.

ജ്ജ ജ്ജ ജ്ജ

14 - A Ressurreição de Lobato

ARGUMENTO HISTÓRICO

Este episódio foi tirado do livro de Clemente de Oliveira: "Tumores dos Braganças".

O Príncipe Regente ficara apavorado com o que sucedera. O coitado do Lobato lá estava estendido numa sala do Palácio, dentro de um caixão, para ser enterrado na Capela Real, honra que somente se concedia a príncipes.

Lorde Strangford comunicara que Carlota Joaquina fora conduzida pelo almirante Sidney Smith ao Palácio de Botafogo, e que a Inglaterra resolvera prestar todo apoio moral e material às pretensões políticas da Princesa.

Mas seria possível tudo aquilo? Até lhe parecia que o mundo ia acabar. O ministro conde de Linhares queria, à viva força, demitir-se. Dizia ele ao Príncipe Regente:

- *A esposa de Vossa Alteza envenenou o seu devotado Ministro conde de Casa Verde, que ordenou a devassa de 1805 contra a Princesa e os seus comparsas que conspiravam para a deposição de Vossa Alteza do Governo do Reino. Essa mesma mulher acaba der assassinar com um tiro o seu secretário e camareiro, o desventurado Lobato,*

porque desvendou as intrigas do Rio da Prata. Amanhã serei eu a vítima da senhora Carlota Joaquina. Ela deveria estar no Convento da Ajuda, prisioneira, e entretanto nunca se mostrou tão poderosa e tão livre como está hoje, apoiada pelos canhões da Inglaterra, sob as figuras sinistras de Lord Strangford e do almirante Smith.

- E que quer você que eu faça contra os canhões da Inglaterra? Que quer? Esses canhões me obrigaram, pela imposição de Lord Strangford e do almirante Smith, a fazer as pazes com minha mulher, dar-lhe prestígio, e submeter-me à sua vontade. Lá, os franceses me arrancaram Portugal; aqui os ingleses querem arrebatar-me o Brasil, como já se apoderaram da Índia e acabaram de proclamar-se senhores da Ilha da Madeira. Se fugir daqui para a África, também ficarei sem a África...

- E por que Vossa Alteza não reage?

- Ora, meu caro Rodrigo, o cordeiro que briga com o lobo é devorado, e no caso, não quero ser comido pela Inglaterra.

- Mas então quer Vossa Alteza que eu, diante de tudo isso, ainda continue como ministro?

- Quero, não. Exijo, como seu soberano. Tenho necessidade de você, neste transe por que estou passando. O conde de Funchal está na Inglaterra tecendo os pauzinhos para nos libertar desse Strangford e mais do Smith. O conde da Barca está na Áustria, conquistando o Metternich para nos socorrer contra a voracidade inglesa.

- Bem, Alteza. Vassalo devotado e fiel, continuarei no Ministério, farei as pazes com a Princesa. E agora o nosso inimigo é a Inglaterra. Procuraremos vencê-la com a astúcia, desde que não a podemos vencer pela força.

- E, meu caro Rodrigo de Menezes, o que você acha da atitude esquisita tomada agora pela Inglaterra?

- Algo há, Alteza, e esse algo havemos de destrinchar.

***

Enquanto o Príncipe Regente se entretinha com o ministro conde de Linhares, Lorde Strangford e o almirante Smith palestravam sossegadamente na Legação Inglesa:

- Pois é assim, lorde Strangford. Nós somos apenas uns peõezinhos nesse jogo de xadrez que a Inglaterra está jogando na política sul-americana.

- Mas as ordens que recebi...

- Os nossos chefes queriam aparentar uma coisa e fazer outra, aí está a verdade. Ouça o que vou lhe dizer: a Corte de S. James não quer que Portugal conquiste as colônias do Rio da Prata, nem quer tampouco que essas colônias se libertem para viverem como povo livre daí por diante. O que quer a nossa diplomacia é o seguinte: ver proclamado um reino no Prata com Carlota Joaquina como Rainha. Depois, oferecer a essa Princesa o trono de Espanha, por abdicação dos seus direitos no Reino

da Prata em favor da Inglaterra. Quanto ao Príncipe Regente, mais tarde facilmente nos cederia o Brasil como um dos seus avós cedeu a Índia. Os canhões da nossa esquadra lhe restituiriam Portugal, e a Inglaterra faria a união ibérica, mediante a cessão do Brasil. D. João e Carlota Joaquina seriam assim os reis do Reino Unido de Portugal e Espanha, e a Inglaterra faria com o Rio da Prata e com o Brasil uma grande nação semi-livre, como a Índia, com um vice-rei tirado da casa real inglesa. É o que me parece visarem as tricas diplomáticas da Chancelaria de S. James, em Londres.

- *Oh! Oh!* resmungou lorde Strangford. *Mas o Príncipe D. João tem ministros habilíssimos no estrangeiro. O conde de Funchal, o conde da Barca... e aqui está o conde de Linhares e o Thomaz Villa-Nova que são espertíssimos. Vamos ver no que dá isso. Não tenho muita fé neste jogo dos nossos diplomatas de Londres, meu caro almirante.*

- *Por estes dias deve aproar aqui no Rio de Janeiro a fragata espanhola Prueva. Nela virá o general Huidobro, enviado pelo vice-rei do Prata, general Linniers, para se entender com o gabinete de S. James em Londres. Conversaremos mais tarde, lorde Strangford.*

E pouco depois despediam-se os dois ingleses.

***

O corpo do desventurado secretário de D. João ia ser levado para a capela real. Velavam o cadáver, numa das salas do Paço, os dignatários palacianos e o próprio Príncipe Regente.

Frei Arrabida cochilava num canto. D. João, recostado numa grande cadeira estilo Luiz XVI, roncava de boca aberta. O conde de Linhares piscava. O conde de Galveas, debruçado sobre uma janela do Paço, apreciava o “Arco do Telles”, em frente. Thomaz Antônio, sentado perto do cadáver, aproveitava a luz dos círios que ladeavam o caixão para ler o “Palmeirim de Inglaterra”. Outros circunstantes conversavam em voz baixa, lastimando a morte do favorecido.

Eis senão quando o Intendente de polícia empalideceu e trêmulo fixou os seus olhos apavorados no cadáver.

O Lobato mexera-se dentro do ataúde. Levantando a cabeça, vomitou um regougo[22] e depois um grito de espanto, que estridulou em eco apavorante pelos corredores do Paço. Em seguida, num esforço supremo, levantou-se do caixão e com ele caiu, com estrondo, sobre o assoalho. Livre, começou a correr de um lado para outro, aos berros, que mais pareciam de uma besta fera do que de gente.

Todos os circunstantes sumiram da sala, em correria aloucada, com exceção de frei Arrabida. Este santo homem, confessor de D. João, fazendo

[22] Ronco, som cavo

com a destra sinais da cruz no ar, ia se aproximando do ex defunto, dizendo-lhe:

- *Lobato, filho de Deus, eu te esconjuro... eu te esconjuro...*

- *Eu estou vivo, frei Arrabida*, gritou o Lobato na cara do frade.

- *Eu te esconjuro, Lobato, eu te esconjuro...*

- *Esconjure o Diabo que o carregue, frade de uma figa,* disse o pobre moço enfurecido.

E tal foi a cara que fez, que o frei Arrabida já não confiando mais nos seus esconjuros, levantou o hábito até a cintura e desabalou numa carreira veloz.

Sozinho, na grande sala, diante de oito círios e de um caixão de defunto, vendo panos pretos nas portas, o ex-cadáver embarafustou-se para o corredor. Vinha ao seu encontro a guarda do Palácio, de espada na mão. Quando os soldados enxergaram o Lobato, largaram as espadas e desapareceram como que por encanto. O Paço parecia deserto. O favorito encaminhou-se para o aposento do Príncipe Regente.

No fundo havia um altar e diante dele D. João rezava apavorado:

- *Tende misericórdia dele, Senhor; tende misericórdia dele, Senhor...*

- *Estou vivo, Alteza. Estou bem vivo... Olhe para mim e pegue-me para se certificar...* gritou o secretário.

- *Lobato, Lobato...* balbuciou D. João, *não me faça mal...*

Então o favorito atirou-se aos pés do Príncipe e beijou-lhe as mãos. E o Regente pôde certificar-se de que o homenzinho estava vivo de verdade.

***

Lobato estava bem vivo, ora se estava. A bala apenas ferira a pele e as banhas de sua barriga. Produzira uma pequena hemorragia. Viera, pela emoção, o ataque de epilepsia e depois o estado cataléptico, em virtude do qual muitos vivos já têm sido enterrados como mortos. Passara nesse estado cataléptico quase vinte e quatro horas e por um triz não fora enterrado vivo o pobre rapaz.

E D. João rejubilou com a ressurreição do favorito, mandando dizer missa solene em ação de graças pelo restabelecimento do secretário, sendo orador desse ato religioso aquele frei Arrabida, virtuoso e destemido, que ficara sozinho na sala do Paço, esconjurando o defunto ressuscitado.

- *Deus o ressuscitou para grandes feitos e grandes coisas neste mundo*, perorou na missa de ação de graças o frei Arrabida.

Ver-se-á mais tarde que grandes feitos foram os do Lobato...

Ele, em verdade, depois de ter morrido e ressuscitado, chegou a fazer coisas do outro mundo...

ଛଓଛଓଛଓ

15 – Uma História do Ministro

ARGUMENTO HISTÓRICO

> Este episódio foi copiado do historiador português Chagas Franco.

O caviloso[23] Chalaça conseguira o seu objetivo com a sua pasmosa revelação.

Depois de consultar o seu "factótum"[24] Lobato, e de ouvir as observações do Conde de Linhares, Ministro do Reino, de Lord Strangford, Ministro da Inglaterra e do Marquês de Irujo, Ministro da Espanha, ficou resolvido que o Lobato, secretário particular do regente, munido de uma ordem positiva contra Carlota Joaquina, assinada pelo Príncipe D. João, acompanhado de Lord Strangford, Ministro da Inglaterra, iria a bordo da corveta "Bedford" e de lá voltaria com a Princesa Carlota Joaquina, que novamente seria internada, e agora com mais rigor e precauções, no Convento da Ajuda.

Enquanto o seu secretário particular, prestigiado com a ordem régia e com a presença do ministro inglês, se dirigia para o navio, no desempenho de

[23] Fingido, hipócrita

[24] indivíduo cuja função é ocupar-se de todos os afazeres de outrem

sua árdua e difícil missão, o Regente, no meio de seus ministros, discorria amargamente sobre os seus dissabores particulares e políticos.

A esposa persistia em aborrecê-lo sempre, ora com escândalos passionais, ora com atitudes políticas desconcertantes, tendo mesmo chegado ao cumulo de conspirar contra a Regência do Reino, no objetivo de depor o marido, elevando-se ela ao poder.

- *Senhor,* observou-lhe o Conde de Linhares, *não há na história dos reis de Portugal um único caso de tamanha tolerância, de excessiva bondade e de extremada paciência... como o de Vossa Alteza Real.*

- *E que hei de fazer dessa mulher, seu Rodrigo*? Perguntou ao Conde o pobre e aflito Regente.

- *Ora, Alteza, na história de vossos avós há exemplos de atitudes enérgicas que decidiram situações mais difíceis do que a sua. Por exemplo, V. Alteza Real sabe que por motivos de Estado El-Rei Afonso IV matou a nora, a formosa Inês de Castro, que foi rainha depois de morta e que se casara ocultamente com o príncipe herdeiro.*

- *Não é só isso*, atalhou o Conde das Galveas, *há também o caso do fundador do Reino de Portugal, o senhor D. Afonso Henriques, que hostilizou, guerreou e mandou prender sua própria mãe, anulando as prerrogativas que lhe eram peculiares.*

- *E há o caso de D. João II, que no Paço de Setubal apunhalou o irmão da Rainha, o qual conspirava para depô-lo do trono, proclamando-se a Regência da esposa d'El rei*, observou o Marquês de Anadia.

O conde de Linhares, depois de refletir um instante, levantou-se e olhou demoradamente a baía, onde se notavam, como grandes pássaros descansados, as corvetas e fragatas de Sua Majestade Jorge IV, rei da Inglaterra. Em seguida deu duas passadas na direção do Príncipe regente, e olhando-o destemerosamente, falou como se tivesse diante dele uma criança tímida e irresoluta:
- *Senhor Regente, é preciso, em benefício do Reino, pôr-se um paradeiro às maluquices da Senhora Carlota Joaquina, que está repetindo, ponto por ponto, aqueles casos vergonhosos da mulher d'El Rei Afonso VI de Portugal.*

- *Mas, seu Rodrigo, que você quer que eu faça de minha mulher?*

- *Era isso mesmo, Alteza Real, que o Sr. D. Afonso VI dizia ao seu dedicado ministro e amigo Conde de Castelo-Melhor, quando este conversava com El Rei sobre as estripulias domésticas e os distúrbios políticos provocados pela rainha. Enquanto o rei Afonso VI pensava, quando muito, em mandar para um convento a rainha Maria Francisca Isabel de Saboia, francesinha diabólica que proviera da corte de Luiz XIV, ela, de acordo com o príncipe D. Pedro e com o fidalgo Sebastião Cesar de Menezes, punha em execução o seu projeto satânico de aprisionar e depor o seu esposo e Rei.*

- *Então seu Rodrigo, você acha motivo de comparação entre minha esposa e a rainha Maria Francisca*?

- *A senhora Carlota Joaquina é mais inteligente, mais audaz, mais destemida que a esposa de Afonso VI. É bastante dizer que ela é espanhola e da corte de Carlos IV, neta de Felipe, cognominado o Diabo da Europa, enquanto a outra era uma francesa da corte do Rei Sol. Se a francesa fez o que fez, o que não fará a espanhola*?

- *Este Rodrigo é um exagerado*, murmurou o Príncipe D. João.

- *Alteza, do casamento do senhor D. Afonso VI com a princesinha cortesã de Luiz XIV de França, ajustado na Rochela a 27 de junho de 1666, diz um conhecido cronista do reino, deviam resultar as maiores vergonhas para o país e a desgraça dos próprios políticos que mais ardentemente o ambicionavam.*

Com efeito, a rainha Maria Francisca Isabel de Saboia era dotada de um caráter orgulhoso e audaz, que pretendia impor-se, dominar, interferir em tudo.

Para mais, a corte voluptuosa de Luiz XIV tinha-lhe predisposto o espírito para as leviandades mais ou menos travessas; inebriavam-na igualmente as aventuras galantes e as torvas[25]

[25] Dificuldades, impedimentos

conjuras da política; e a sua juventude ardente, desabrochada nas seduções de Versalhes ou nas voluptuosidades de Fontainebleau, não queria resignar-se a ser apenas uma rainha, esposa e vassala do seu Rei.

Em Lisboa pretendia orientar, dirigir os negócios públicos; e como o ministro Conde de Castelo-Melhor, embora cortesmente, a contrariasse, dedicou-lhe um ódio de morte. Entre o ministro e a rainha estabeleceu-se publicamente uma certa hostilidade.

O rei prestigiava o ministro, mas a rainha tinha o apoio do embaixador francês Saint-Romain, do general Sebastião Cesar de Menezes e por fim o do Príncipe D. Pedro.

O rei, conhecedor das loucuras amorosas de sua esposa, e de suas manobras políticas, afastou-se dali, evitando-a, queixando-se a toda gente com profunda amargura do casamento que lhe tinham arranjado.

Conhecia a rainha esses queixumes e dados os poucos escrúpulos do seu caráter, depressa encontrou no infante D. Pedro o braço direito de suas manobras, o executor de seus planos diabólicos.

O embaixador espanhol atiçava os ódios da rainha contra o Rei e os do Rei contra o príncipe D. Pedro. Os espanhóis rejubilavam de que se ateasse em Portugal uma guerra civil.

Recolhido ao Palácio de Queluz, o príncipe D. Pedro apenas saia para secretamente visitar a rainha. Ao mesmo tempo, nos vagares da solidão, o infante D. Pedro ia amadurecendo, amiudando o seu plano até os últimos pormenores; e para conseguir a demissão do ministro Conde de Castelo-Melhor, acusava-o de mil coisas absurdas, acusava-o até de o ter mandado envenenar.

Queria acima de tudo conseguir a força indispensável para um golpe decisivo, e apoiado pela rainha, pelo general Sebastião Cesar e pelos ministros da Espanha e de França, exigiu do Rei a demissão do favorito Conde de Castelo-Melhor.

Na presença deste novo perigo, o ministro de Afonso VI sentiu um grande e penoso embaraço: se o rei acedesse, estava perdido; se recusasse, D. Pedro, apoiado por uma parte da nobreza e pelas cortes de Espanha e França, se julgaria ofendido e promoveria por meio de uma revolução o seqüestro d'El-Rei.

Para ganhar tempo, o ministro Conde de Castelo-Melhor recomendou ao soberano que não respondesse ao requerimento. O príncipe D. Pedro e os seus partidários protestaram contra a desconsideração do silêncio real.

Na mesma ocasião, na corte, a rainha, com toda a inteligência, com a satânica habilidade de mulher apaixonada e sem escrúpulos, empregava também os máximos esforços para derrubar o Conde ministro.

Já as intrigas do palácio, tornadas públicas, causavam no povo a mais penosa impressão, já a rainha, o príncipe D. Pedro e o general Sebastião Cesar de Menezes faziam conciliábulos para se apoderarem violentamente do devotado e fiel ministro de El- Rei Afonso VI, com o fim de desterrá-lo ou assassiná-lo.

O príncipe avisou o Rei que sairia do reino, e um dos partidários da rainha, o Conde de São João, movimentava um exército na província de Trás-os-Montes.

A rainha jurou ao marido que acompanharia os amigos até contra Deus. Um grande número de fidalgos era pela rainha. Esboçava-se uma perspectiva de guerra civil. Os espanhóis rejubilavam, esperando sofregamente a hora oportuna para entrarem no cenário da luta como objetivo da reconquista do reino de Portugal.

A resolução do príncipe, apoiado pela rainha, trazia o Conde de Castelo-Melhor preocupado e aflito. Num momento, julgando ser ele a causa de todos aqueles ódios, de todas aquelas maquinações, pediu ao Rei para se retirar da Corte. Mas era evidente que a rainha e seus partidários queriam apenas afastá-lo, queriam depor o Rei, queriam governar o reino.

Então Castelo-Melhor pensou em resistir ainda, meditou enérgicas medidas imediatas, como fossem a reclusão da rainha no Convento da Esperança e a prisão do principal conspirador que era D. Pedro.

Mas a França e a Espanha apoiavam a rainha; os padres jesuítas também faziam a política da rainha e o Conde de Schemberg, influindo no exército do Além-tejo, declarou-se contra o ministro.

- *Amigo Rodrigo, pare com a sua história*, interrompeu D. João, bocejando de sono.

16 – Um Caso Escabroso da Realeza

ARGUMENTO HISTÓRICO

> Este caso da rainha Maria Francisca foi tirado de uma crônicas sobre a "História de Portugal", de Chagas Franco.

Sr. Regente, continuou o conde de Linhares, ouça mais um pouco, e perderá o sono.

O jesuíta francês padre João de Villes, confessor da Rainha, pediu à sua confessanda que fosse medianeira entre o príncipe D. Pedro e o Rei Afonso VI, tendo como ponto principal de um acordo, a demissão e o desterro do ministro Conde de Castelo-Melhor.

Quando a rainha mostrou ao Rei a carta do jesuíta De Villes sobre o acordo premeditado, estava presente o ministro Conde de Castelo-Melhor. Este notou em Afonso VI falta de interesse pelo que lhe propunham, egoísmo e displicência do soberano, e uma grande indiferença por um assunto de tão grande relevância para o Estado, como fosse a luta entre Rei e Rainha. E por tudo isso profundamente se magoou.

Então, apontando para o traje de viagem que já trazia vestido, disse que ia deixar a corte, despediu-se do Rei, e tomando o caminho da

Arrabida, partiu para o desterro porque, dizia ele, "*aquele rei não era rei*".

As intrigas começaram a triunfar; iriam bem mais longe, iriam até o ponto da liberdade e o poder de Afonso VI se sumirem numa voragem de ignominias e de misérias.

O Conde de Castelo-Melhor foi substituído por Antônio de Souza Macedo, que não se prestando aos manejos imorais e criminosos da rainha foi demitido.

E assim o rei de Portugal D. Afonso VI, sem um ministro fiel que o defendesse, se aproximou do longo drama, o mais indecoroso, o mais cautelosamente preparado de todos, o processo do divórcio intentado pela rainha contra ele, que o acusava de não ser varonil, falho da sua principal função de esposo.

Enquanto surgia o processo, os conspiradores preparavam a deposição do Rei. E o desventurado Afonso VI, sem qualquer auxílio ou nobre conselho, tornara-se um joguete das desvairadas paixões de sua mulher, vencido pela sua eterna indecisão.

Ele que não quisera no princípio, quando tinha força para isso, expulsar para fora do Reino a esposa adúltera e revoltosa e o príncipe criminoso com os seus principais adeptos, era agora vítima da sua falta de energia.

Tinha chegado o instante da cena final desse drama.

A rainha Maria Francisca, que se tornara uma impudica Messalina, com um descaro que assombrava portugueses e estrangeiros, ia pessoalmente precipitar os acontecimentos. A 21 de novembro de 1667 um novo e importante episódio apressou o desenlace da longa tragédia.

Nesse dia, à tardinha, a rainha saiu do Paço no seu coche, serenamente, como se fosse a um passeio e fez-se conduzir ao Convento da Esperança, das religiosas franciscanas, onde muitas senhoras de alta categoria tinham professado.

Toda desvanecida, viera a abadessa recebê-la à portaria; e então ouvira estupefata a impudica declaração da visitante: "*a rainha tencionava recolher-se ao mosteiro e daí requerer pelo juízo eclesiástico a sua separação d'El Rei, porque o matrimônio contraído não se consumara em conseqüência da impotência do soberano*".

Nessa mesma tarde a declarada farsante escreveu uma carta ao marido, acusando-o até de feios crimes contra a natureza. Ofendido na sua dignidade de homem, o Rei, depois de receber a carta da rainha, correu ao Convento da Esperança, e como as freiras não lhe quisessem abrir as portas, mandou buscar um machado e ele próprio, num frenesi de louco, arrebentou a porta principal do Convento a machadadas. Mas

não conseguiu, contudo, agarrar a rainha que ardilosamente lhe escapou.

No dia seguinte, a rainha, esposa de Afonso VI, escrevia ao Cabido da Sé de Lisboa uma carta pedindo-lhe que encaminhasse o seu processo de divórcio que ela julgava muito justo "*porque El Rei até então, desde o seu casamento, só fora esposo em nome e não tinha aptidões para o principal motivo do matrimônio...*"

No próprio dia em que escreveu esta carta, a rainha convidou o príncipe D. Pedro para uma entrevista no Convento da Esperança e ali, nessa casa de recolhimento das esposas de Jesus, essa diabólica mulher se entregou aos arrebatamentos da sua paixão adulterina e combinou com o amante a deposição do Rei Afonso VI.

A impudente carta que a rainha dirigira ao Cabido provocara logo o escândalo desejado, tão público e tão monstruoso, que para sempre havia de envolver o seu nome e a sua memória numa ignomínia crapulosa de bordel.

Despejadamente a rainha era a primeira a clamar, em alta voz, os segredos mais íntimos do seu leito conjugal; a primeira a impor como razão de Estado as exigências de seu temperamento de hetaira[26]; a primeira a quase apregoar o direito e a necessidade de se prostituir.

[26] prostituta de luxo, que se faz sustentar por clientes ricos

Mas a intriga aproximava-se do fim. No dia 22 de novembro de 1667 o marquês de Cascais, à frente do Conselho de Estado, foi ao Paço convencer Afonso VI a entregar o poder à rainha e ao príncipe D. Pedro, conservando ele, apenas, o título de Rei. O soberano pediu tempo para pensar.

Então o príncipe D. Pedro, ansioso por lhe roubar o trono como já lhe roubara a mulher, e de acordo com esta, promoveu no dia seguinte com os fidalgos seus partidários e bandos de populares arregimentados em troco de moedas de ouro, uma manifestação decisiva. Exigiram do Rei a sua abdicação.

O soberano recusou-se e foi por isso fechado à chave no quarto em que se achava, guardado por sentinelas de confiança. O príncipe D. Pedro foi aclamado governador do Reino e D. Afonso VI, prisioneiro no próprio Paço, conservaria apenas o título honorífico de Rei.

Entretanto, seguiu nos seus trâmites o escandaloso processo de divórcio, de particularidades tão escabrosas que não podem ser ditas por pessoas decentes.

Ante os cônegos do Cabido de Lisboa, os depoimentos impudicos seguiam-se interminavelmente: damas da corte, da melhor nobreza de Portugal, alternavam nas revelações secretas com as últimas rameiras e com as mulheres do povo, que revelavam a concupiscência de Afonso VI.

Por fim, anulado o matrimônio, a rainha casou-se com o príncipe D. Pedro, irmão do Rei, e portanto seu ex-cunhado.

O pobre D. Afonso VI foi mandado prisioneiro para Angra, onde esteve encerrado seis anos na fortalezas São João Batista; depois, foi transferido para um quarto do Paço de Cintra, previamente preparado para carceragem.

E hoje todos os visitantes do Paço de Cintra podem ver esse quarto com os mosaicos do pavimento gastos pelas passadas do rei Afonso VI, prisioneiro durante 20 anos, sem outro divertimento senão apreciar o céu através das grades, ou passear de um lado para o outro, todos os dias, na prisão que lhe reservaram.

Depois deste longo relato, tirado das crônicas do Reino de Portugal, o Conde de Linhares, ministro do Regente D. João, percebeu que o Príncipe chorava.

- *Sr. Regente*, disse-lhe ele, *perdoe-me por tê- lo comovido com as minhas reminiscências históricas.*

- Você tem razão, meu bom amigo Rodrigo, pois há muito ponto de contato entre o meu antepassado El Rei Afonso VI e a minha pessoa. Ele foi mal casado com uma francesa, mal casado fui eu com uma espanhola. Se a rainha sua esposa o acusou de não ser homem, a minha, idêntica acusação me fez, chegando a dizer num baile do Paço ao senhor Marquês de Irujo, ministro do meu sogro o rei da

Espanha, que de todos os seus filhos não houve um que fosse meu...

ജ്ഞ ജ്ഞ ജ്ഞ

17 – O Conselho do Conde de Linhares

ARGUMENTO HISTÓRICO

O assunto deste capítulo, foi tirado do livro de Clemente de Oliveira - "Os Tumores dos Braganças".

- *Meu amigo*, dizia o Regente do Brasil, Príncipe D. João, ao seu ministro Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, *você tem razão. Não contente de fazer a minha infelicidade conjugal, minha mulher ainda conspira para arrebatar-me o governo, depois de ver fracassada a tentativa de 1805, em que, com o meu primo Duque de Cadaval, acolitado por outros, quis interditar-me como louco e encerrar-me no mesmo quarto do Paço de Cintra, onde morreu prisioneiro o meu antepassado, Afonso VI. Nessa conspiração de 1805, em que o Duque de Cadaval, o Marquês da Ponte de Lima, o Conde de Cavaleiros, o Marquês de Alorna, o Conde de Sabugosa e outros conspiradores, dirigidos por minha mulher, quiseram depor-me para lhe entregar o governo do reino, eu só consegui escapar da conjura graças à habilidade do meu camareiro Lobato, que recebera em tempo oportuno uma denúncia a ele levada pelo franciscano frei Antônio de Andrade.*

- *Entretanto, Alteza, na devassa se verificou que além dos fidalgos citados havia oficiais superiores do exército e até jurisconsultos seriamente*

comprometidos. E quando o encarregado da devassa, o desembargador João Anastácio de Figueiredo, por ordem do ministro Senhor Conde de Casa Verde, davam fim ao seu afanoso trabalho de apuração de responsabilidades, bem sabe V. Alteza o que aconteceu a esses leais servidores: foram envenenados pela senhora Carlota Joaquina, cabeça incontestável da conjuração. E V. Alteza, com esse seu espírito de cordialidade excessiva, em vez de punir com a morte ou com o desterro os conjurados, reconciliou-se com sua esposa e perdoou a todos os conspiradores, mandando pôr uma pedra tumular no processo. E ao ódio de sua esposa foram sacrificados o ministro Conde da Casa Verde, que mandara fazer a devassa, e o desembargador João Anastácio de Figueiredo, que por ordem do ministro a dirigira.

- Não quis, meu caro Rodrigo de Souza Coutinho, que no meu governo se derramasse sangue da nobreza de Portugal, como já se fez no tempo de D. José I.

- V. Alteza vive a perdoar os criminosos que procuram vencê-lo, diminuí-lo, extinguí-lo no seu poderio de Regente e quem sabe até conspirando contra a sua vida.

- Mas que hei de fazer dessa mulher que me atormenta?

- Faça o que muitos reis têm feito: requeira às autoridades eclesiásticas o seu divórcio ou a anulação do seu casamento. O senhor Legado de S. S. o Papa, já me disse, muitas vezes, que a

Santa Sé, conhecedora de suas desventuras e de suas razões, não se oporia à dissolução de seus laços conjugais com a senhora Carlota Joaquina.

- Ora, meu caro Rodrigo, isso é muito bom de se falar, mas não de se fazer. Se eu me separasse para sempre de minha mulher, com ela iria a princesa Maria Thereza, e eu prefiro morrer do que separar-me para sempre da minha adorada Therezinha, o anjo que me consola em toda a minha desventura.

- Pois bem, Alteza, a história de D. Afonso VI, rei de Portugal, vai se repetindo. A senhora Carlota Joaquina, como a rainha Maria Francisca Isabel de Saboia, se não o destronar, atirando-o numa masmorra, lançará mão do veneno, como fez com o ministro de V. Alteza o senhor Conde de Casa Verde.

***

Estes longos devaneios foram interrompidos bruscamente pela chegada do Intendente de Polícia, o qual, com as feições alteradas e uma gesticulação aloucada, numa voz que mais parecia um grunhido de cão castigado, balbuciou diante do Príncipe:

- Senhor Regente, aí no saguão está o cadáver do senhor Lobato, assassinado a tiro de pistola no camarote do comandante da corveta inglesa "Bedford", na presença do almirante Sidney e do ministro Strangford.

Se um raio tivesse caído ali não produziria o mesmo efeito que aquela pavorosa notícia...
- *Mas você está maluco, oh! homem de Deus*?! Balbuciou, trêmulo e suando frio, o Regente. *Isso lá é possível?! Matarem o pobrezinho do rapaz, o mais devotado dos meus amigos, o mais querido dos meus serviçais... Oh! não, não, não quero acreditar*, soluçava o neto de D. José I.

- *Não lhe dizia, Alteza*? aparteou o conde de Linhares. *Hoje foi a vez do Lobato, com um tiro; amanhã com uma punhalada talvez seja o meu fim... e o de Vossa Alteza Real, por certo, será depois, numa chávena de chá ou num prato de sopa...*

- *Mas isto é horrível*, gaguejava o Príncipe. *Onde irá parar essa mulherzinha do diabo com as suas maluquices?*

- *Irá parar como a rainha Maria Francisca, esposa de el-rei Afonso VI, no trono e nos braços de algum aventureiro... audacioso. Ainda é tempo, Sr. Regente, ainda é tempo de se evitar o último ato da tragédia...*

ꕥꕥꕥ

18 – A Princesa Triunfante

ARGUMENTO HISTÓRICO

> Este episódio é tirado do livro de Clemente de Oliveira "Tumores dos Braganças" e da biografia de Rubio sobre Carlota Joaquina.

Mudara-se, rapidamente, como se tudo fosse um simples entremez, o cenário político da corte do Rio de Janeiro.

O príncipe, coagido pelo ministro inglês, Lorde Strangford, pelo comandante da esquadra Britânica do Atlântico do Sul, o almirante Sidney Smith, e pelo ministro de Espanha no Rio de Janeiro, o marquês de Irujo, fez as pazes com a mulher, humilhou-se diante de suas vontades, prometeu-lhe o seu apoio decidido nas suas pretensões da política do Prata, colocou à sua disposição o brigadeiro Joaquim Xavier Curado e tropas portuguesas para, depois de se apoderarem de Montevidéu, seguirem em direção a Buenos Aires, visando a deposição do vice-rei Linniers, que ali governava, e a proclamação do reinado de sua esposa.

O Almirante Smith, por sua vez, ofereceu os seus navios para o transporte de Carlota Joaquina até o Rio da Prata, onde deveria ser proclamada Rainha. Tudo parecia ir indo no melhor dos mundos

A princesa, no aniversário do seu amigo almirante, ofereceu-lhe uma espada marchetada de ouro, com incrustações de diamantes no cabo.

O Príncipe Regente ofertou ao aniversariante uma das mais belas chácaras do Rio, situada na Tijuca, e que fora comprada de Braz Carneiro Leão por dezenove contos de réis.

E o gigante ruivo, de face de abutre e punhos de magarefe, qual era o almirante Sidney Smith, autor dessa mutação política, deu-se ao esporte de se apresentar ostensivamente, com uma sem-vergonhice sem nome, como amante de sua Alteza Real a esposa do Regente.

E assim, de triunfo em triunfo, Carlota Joaquina obtinha quanto queria.

D. João, no afã de agradar a esposa, tornada, nesse instante histórico, um governo dentro do governo, ofereceu-lhe um outro palácio de residência nas Laranjeiras e ouvindo o seu protesto sobre a burla de que fora vítima, relativamente aos brilhantes, prometeu-lhe que de bom grado lhe daria as joias da rainha mãe D. Maria I, no valor aproximado de milhão de cruzados, segundo as exigências da esposa.

Como era notório a rainha D. Maria estava louca e suas joias se achavam em poder do filho, que era o Regente do Reino.

Assim, pois, Carlota Joaquina procurou o marido no Paço da Cidade e ajustaram as contas sobre esse escabroso negócio dos brilhantes.

D. João mandara chamar o ourives da casa Real Antônio Gomes da Silva, pai do Chalaça, como avaliador de sua parte; o avaliador de Carlota Joaquina foi o negociante de joias da Rua do Ouvidor Ferdinand Pellicer; como árbitro desempatador, em caso de desacordo na avaliação, foi escolhida a princesa Maria Thereza.

Aberto o cofre das joias da rainha louca, D. João facultou à sua esposa a escolha dos objetos que fossem do seu agrado.

Em cima da mesa do gabinete do Príncipe Regente coruscavam os brilhantes, rubis, safiras, esmeraldas e, como lindas estrelinhas, cintilavam as pérolas.

Escolhidas uma a uma as joias que apeteceram a Carlota Joaquina, fez-se a avaliação das mesmas, registradas no seguinte auto de avaliação:

3 leques guarnecidos de brilhantes	2.800
1 relógio guarnecido de esmeraldas	1.600
1 relógio guarnecido de rubis.	1.640
1 relógio guarnecido de brilhantes	600
1 par de pulseiras de brilhantes com 10 pérolas	2.400
1 ramo de ouro com pérolas e ametistas	400
2 broches com safiras e brilhantes	2.400
1 colar de ouro com brilhantes	720
1 colar de brilhantes e esmeraldas	1.800
1 luneta cravejada de brilhantes	1.800
1 broche com brilhantes e pérolas	900
2 cadeias de relógio com brilhantes	4.200
11 anéis de brilhantes	2.970
1 colar de brilhantes	6.000
1 par de cadeias de ouro brilhantes	1.100
I flor de ouro cravejada de brilhantes	2.500
2 flores cravejadas de brilhantes, esmeraldas, rubis	7.200
Total (pesos)	40.030

Feito o cálculo do peso ao câmbio de 7 ½, que era o do ano de 1808, esses 40.000 pesos não alcançavam ainda o milhão de cruzados exigidos por Carlota Joaquina.

D. João, dirigindo-se à esposa, disse-lhe, procurando dar a sua voz uma tonalidade carinhosa:
— *Está satisfeita*?
— *Não ainda, esses 40.000 pesos da avaliação não equivalem ao valor das minhas pedras preciosas que foram parar no seu cofre.*

E virando-se para sua filha Maria Thereza, interpelou-a, sorrindo:

— *Você não acha, Maria Thereza, que eu, sua mãe, esposa do Regente, e portanto herdeira natural de*

todas as joias de minha sogra, devo exigir mais do que isso que aí está?

— *Ora, minha mãe, naturalmente que sim...*

Então Carlota Joaquina, pondo a mão direita no cofre das joias da rainha louca, dele retirou um belíssimo colar de pérolas com três voltas, pérolas que já haviam cintilado nos colos de varias rainhas de Portugal. Em seguida colocou esse precioso colar em si própria, e num ato de reconciliação e de malícia, beijou a testa suarenta de D. João, murmurando-lhe ao ouvido:

— *Agora sim, meu querido maridinho, estou satisfeita, e se lhe aprouver, me procure esta noite no meu palácio de Botafogo, para selarmos o nosso pacto de amizade com uma doce palestra de reminiscências e um gostoso chá. . .*

O Príncipe Regente não gostou desse epílogo e suando frio como si estivesse sofrendo uma tortura inquisitorial, gaguejou:

— *Pois leve o colar, porque assim o decidiu a minha querida Therezinha. Quanto ao seu chazinho e as suas palestras de reminiscências, dispenso-os porque não me apetecem..*

— *Ora, papaizinho, no diga isso que ofende a minha querida mãezinha.. Não seja assim tão arrogante para quem lhe oferece um chá com tão boa vontade, sussurrou a princesa Maria Thereza.*

— *Esse convite de chá e de palestra custou-me os olhos da cara, porque só depois de se apoderar de uma das mais belas joias de minha mãe, como é esse colar de pérolas, é que minha esposa se lembrou de convidar-me para ir a Botafogo beber os restos do chá que costuma dar a esse almirante da famosa espada de ouro.*

— *E meu pai*, observou tristemente a princesa Maria Thereza, *tem coragem de, na presença de sua filha predileta, perfilhar a maledicência publica que malicia as visitas do almirante Sidney Smith a minha mãe?*

— *Ora, não se trata disso, minha filha, mudemos de assunto.*

E, tristemente, agoniado pela ideia da perda de tão preciosas joias, que de sua propriedade passavam para a de Carlota Joaquina, levantou-se, e guardou as joias restantes da rainha-mãe no cofre forte, dizendo à esposa, à filha e aos avaliadores presentes:

— *Vão todos embora. Quero estar sozinho.*

E ficou sozinho para curtir a dor da sua humilhação e da sua derrota...

ꙮ

19 – As Intrigas Políticas do Rio da Prata

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O assunto deste capítulo foi tirado do livro "Carlota Joaquina" de Julian Rubio e "Memórias de Carlota Joaquina" de Jose Prezas.

O espanhol Julian Rubio, panegirista de Carlota Joaquina, estranhou a maneira esquisita por que, numa política tortuosa de intrigas e ambições mal dissimuladas, ora à descoberta, ora às ocultas, a Inglaterra intervinha na política do Rio da Prata, fazendo da princesa do Brasil um joguete de seus manejos indecorosos.

Interessante era a teoria em que se fundavam os ingleses, empurrando na frente os portugueses para intervir na política colonial espanhola dessa época. Considerando erradamente a verdadeira situação da Espanha, o gabinete de São James, dirigido pelo famoso Pitt, considerava em 1808 as colônias do Rio da Prata dominadas pela influencia francesa.

Era uma política misteriosa, envolta numa sombra de hipocrisia. Foi de curta duração o tempo em que as chancelarias do Brasil e da Inglaterra andaram de mãos dadas no caso de Montevidéu e de Buenos Aires.

Carlota Joaquina foi o joguete de que se serviram essas duas chancelarias num breve espaço de tempo. Depois o primeiro ministro português negou seu apoio aos projetos da Princesa, o mesmo fazendo Lord Strangford, ministro da Inglaterra e o almirante Sidney Smith.

Em 1808 o Conde de Linhares dirigiu, em nome do Príncipe Regente, uma nota ao Cabildo de Buenos Aires, dizendo-lhe que, como a Espanha se submetera ao jugo de Napoleão, as províncias do Prata naturalmente passariam para o domínio português, de acordo com a politica inglesa. E se o governo de Buenos Aires não concordasse com isso, Portugal e a Inglaterra tomariam as providências necessárias.

Para dar mais força a esta petição, Carlota Joaquina dirigiu-se ao Cabildo de Buenos Aires, expondo as razões pelas quais esse vice-reinado deveria colocar-se debaixo da proteção anglo-portuguesa, observando que sendo ela o único ramo da Casa Real da Espanha que se achava fora da influência de Napoleão a ela caberia o reinado do Prata.

O Cabildo de Buenos Aires compreendendo a má fé da diplomacia anglo-portuguesa, respondeu em 4 de Abril de 1808 ao Príncipe Regente, afirmando que os povos do Rio da Prata em 1806 repeliram os ingleses quando estes tentaram a conquista do vice-reinado. Quanto a um ataque francês, observava o Cabildo na sua resposta, o vice-reinado de Buenos Aires, assim como se defendeu

bravamente dos ingleses de Jorge IV, se defenderia dos franceses de Napoleão.

O vice Rei de Buenos Aires, Don Santiago Liniers passou a ser suspeito tanto aos partidários de Carlota Joaquina como à politica do gabinete de São James. Foi enviado para se entender com o vice-rei em Buenos Aires o general Joaquim Xavier Curado, que ficou em Montevidéu por ter sido avisado de que Don Santiago o prenderia se chegasse a Buenos Aires com as suas pretensões de emissário dos portugueses apoiados pelos ingleses.

O governador de Montevidéu, Francisco Xavier Elio, inimigo pessoal do vice-rei de Buenos Aires, pôs-se inteiramente ao serviço de Carlota Joaquina, exigindo, porém, dinheiro suficiente para movimentar tropas contra o Vice-Rei.

No meio dessa nebulosidade política que envolvia a América do Sul, principalmente as províncias do Prata, nos anos de 1808 e 1809, vê-se o espírito de aventuras encarnado em Carlota Joaquina, manejado friamente pela hipocrisia diplomática representada pela figura cavilosa e traiçoeira do ministro inglês Lord Strangford.

Carlota Joaquina pensava na formação de uma monarquia absoluta nas províncias do Prata, enquanto Lord Strangford e o almirante Sidney Smith procuravam espalhar a desordem e a confusão nessas mesmas províncias, para delas se apoderarem. As ambições opostas e aparentemente ligadas, as de Carlota Joaquina e

as do ministro da Inglaterra, se debatiam em sutilezas e tricas na Corte do Rio de Janeiro, com reflexos em Montevidéu. O caudilho Manoel Belgrano, em Buenos Aires, trabalhava pela formação de uma monarquia livre ou uma república no Rio da Prata, sem a tutela da Inglaterra ou de Portugal.

Com astucia verdadeiramente felina, o general Belgrano reuniu em torno de si um grupo de patriotas como Castelly, os irmãos Passo, Vieytes, Alberti, Irigoyen, os irmãos Peña e jurou fidelidade à princesa Carlota Joaquina, com intuito de arranjar dinheiro e armamentos para fazer uma revolução em Buenos Aires. Prometia ele a proclamação da princesa como rainha, mas os seus objetivos eram a proclamação de uma república sob a sua chefia.

E quando Carlota Joaquina parecia ter todos os trunfos na mão, pois o almirante Sidney Smith lhe oferecera o apoio da sua esquadra, e Lord Strangford dinheiro e armamentos, e Belgrano batalhões de partidários, chegou na fragata "*Prueva*" ao Rio de Janeiro o general Huidsbro, emissário do vice-rei de Buenos Aires. Depois de uma conferência com Lord Strangford, resolveu encaminhar-se para a Inglaterra.

Carlota Joaquina quis apoderar-se do navio de guerra enviado pelo vice-rei, mas a isso se opôs o ministro da Inglaterra, apoiado pelo almirante Sidney.

As intrigas multiplicaram-se e a Inglaterra, conhecedora dos manejos ocultos de Belgrano e seus prosélitos, resolveu impedir os projetos da princesa do Brasil, recusando-lhe dinheiro e armamentos e retirando-lhe o apoio oferecido pelo comandante da Esquadra Inglesa no Atlântico do Sul. Entretanto Lord Strangford não se definiu sinceramente e desculpou-se com Carlota Joaquina, atribuindo os seus insucessos aos manejos ocultos do Conde de Linhares.

Mas o Conde de Linhares, cansado de aturar a política hipócrita do ministro inglês, conseguiu de D. João o consentimento para uma conferência dos interessados na política do Prata, pondo-se os pingos nos ii. E assim, na Quinta de São Cristóvão, se reuniram o Regente, sua esposa, o Conde de Linhares, Lord Strangford e o almirante Sidney Smith.

— Senhores, disse o Regente, aqui estamos reunidos para resolvermos definitivamente o caso das províncias do Prata. O meu ministro vai expor a situação.

E virando-se para D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, ordenou-lhe:

— Senhor ministro, dou-lhe a autorização para falar com franqueza, pondo de lado a diplomacia.

Então o Conde de Linhares, ministro do Reino, dirigiu-se para o ministro da Inglaterra:

— Lord Strangford, perguntou ele, o senhor garante um empréstimo inglês de 500.000 libras e a remessa de 10.000 carabinas com a respectiva munição?

Lord Strangford mordeu os lábios e uma voz surda e titubeante respondeu:

— Garantir não garanto, porque isso é da competência do chefe do meu governo, mas prometo o meu apoio às pretensões da senhora Carlota Joaquina.

Virando-se para o almirante Sidney Smith, o Conde de Linhares interrogou:

— O senhor almirante será capaz de levar a princesa do Brasil a Buenos Aires, e bombardear com os canhões dos seus navios a cidade portenha?

— Eu dei o meu apoio à senhora Carlota Joaquina, prometi levá-la à Buenos Aires num dos meus navios.

— Pergunto senhor almirante, se jura que disparará em Buenos Aires os canhões dos seus vasos de guerra em favor de aclamação da princesa do Brasil como Rainha do Prata?

— Não juro cousa alguma, como não o jurou Lord Strangford.

O Conde de Linhares virando-se então para Carlota Joaquina, disse-lhe:

— Agora queira V. Alteza Real perguntar ao ministro da Espanha se ele garante o apoio da sua influência na política espanhola para os projetos de sua aclamação como Rainha do Rio da Prata.

Interrogado por Carlota Joaquina, o Marquês de Irujo respondeu-lhe que não podia garantir coisa alguma porque não tinha dinheiro, nem armamento e nem soldados, com que pudesse efetivar o seu apoio.

Então o Conde de Linhares levantou-se e disse para Carlota Joaquina:

— Senhora Princesa, o Príncipe Regente, tanto quanto V. Alteza Real, está sendo mistificado, enganado pelo senhor Ministro da Inglaterra, pelo comandante da Esquadra Inglesa, pelo senhor Marquês de Irujo e pelos seus partidários do Rio da Prata.

Depois entregando um maço de papeis a princesa do Brasil, explicou-lhe:

— Aí tem V. Alteza Real uma carta do general Belgrano a Bartolomeu Peña seu agente secreto aqui no Rio. Essa carta foi apreendida pela minha Polícia e não chegou a ser lida pelo seu destinatário. Nessa expressiva correspondência verá V. Alteza que Belgrano e seus amigos querem dinheiro e armamentos, não para a proclamarem Rainha do Prata, mas para se organizarem em república livre. Aí nesses papeis encontrará V. Alteza um carta do Conde de Funchal ministro

português em Londres. Nessa carta o Conde de Funchal me comunica que o ministro do Exterior resolvera ser-lhe franco, declarando-lhe que a Inglaterra não forneceria dinheiro, nem armamentos para os partidários da senhora Carlota Joaquina. Ainda mais, que o almirantado inglês proibira terminantemente o comandante da Esquadra Inglesa no Atlântico do Sul de disparar um só tiro de canhão contra a cidade de Buenos Aires, visando a aclamação da princesa do Brasil. Quanto ao senhor Marquês de Irujo, aqui está uma carta que ele escreveu ao vice-rei de Buenos Aires, carta que o próprio vice-rei me devolveu para que eu visse como ele insulta o Regente, o primeiro ministro português, e como serve os interesses da princesa do Brasil, apoiando-a no Rio de Janeiro e aconselhando lá no Prata a resistência aos seus projetos. Examine V. Alteza Real essas provas documentais da lealdade de seus amigos. Eu quis que eles estivessem presentes a esta acusação, e que V. Alteza Real lesse na presença deles os documentos que lhe ponho nas mãos.
Carlota Joaquina manuseou os documentos, leu tudo e depois, de pé, diante de Lord Strangford, do almirante Smith e do Marquês de Irujo, jogou-lhes, de cara, esta injúria:
- Que canalhas, meu Deus! E eram estes cães que me juravam fidelidade...
E foi-se embora resmungando de raiva.

Depois disso houve o rompimento de Lord Strangford e do almirante Smith com o Regente e o seu primeiro ministro.

D. João, por intermédio do ministro português em Londres, pediu a retirada dos dois ingleses da Corte do Rio de Janeiro. Quanto ao Marquês de Irujo, este apresentou depois uma defesa que satisfez tanto ao Regente como à princesa, que entregou as suas joias, já enumeradas em outro capítulo, ao Marquês de Irujo, para que as mandasse vender e com o produto da venda comprar armamentos para os seus partidários de Montevidéu, chefiados por Salazar e Elio.

Desta vez as joias eram as verdadeiras e deram cerca de 900 contos de réis.

Mais tarde, verificando a inutilidade de seus esforços na conquista do Rio da Prata, quis conquistar a Coroa de Espanha, estabelecendo-se então uma série de intrigas diplomáticas que deram o mesmo resultado que as do Rio da Prata.

E foi destarte que Carlota Joaquina, que pretendera ser Rainha do Rio da Prata e Rainha de Espanha, teve de contentar-se apenas com a prebenda indesejável para uma mulher de sangue quente de ser a esposa sem carinhos do gelado, molengo e inexpressivo homem que se chamou na História D. Jogo VI.

ꕥꕥꕥ

20 – O Favorito em Fraldas

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O assunto deste capítulo foi tirado do livro de Clemente de Oliveira “Os Tumores dos Braganças”

Carlota Joaquina não conseguira matar o camareiro e secretário do esposo. Sua pontaria fora de truz[27], pois de um tiro nas tripas só por milagre escapará qualquer filho de Deus. Mas a bala fatídica ou teve medo das tripas do Lobato, quando lhe entrou na barriga, ou foram as tripas do *de cujus* que, medrosas, se encolheram. E assim, num ou noutro caso, a bala da pistola disparada pela Princesa, apenas furara a pele e as banhas do ventre do favorito Lobato.

Blasco Ibanez, escritor moderno, disse que uma das características dos príncipes espanhóis é a inteligência para a perversidade. E foi com perversa inteligência que Carlota Joaquina, filha de reis espanhóis, arquitetou a sua vingança contra o camareiro do esposo. Já vimos como conseguira a diabólica mulherzinha pôr em apuros o astuto Chalaça.

[27] Golpe,pancada

Vamos ver agora um caso mais pitoresco.

***

- *Felìsbìno*, disse a Princesa ao crioulo de sua confiança, *você conhece a mundana Antoninha Leite, viúva do Leite calceteiro*?

— *Se conheço, Alteza. Quem no Rio de Janeiro não conhece a famosa "Lanterna", que é a mulher mais alegre do mundo alegre*?

— *Pois bem, você leve a minha cadeirinha e traga-a aqui na minha presença. Diga-lhe que é negócio do interesse dela.*

E foi assim que as duas mulheres mais endiabradas do Rio, uma, a esposa do Regente, e outra, a mulher de todo o mundo, se estreitaram numa palestra de conveniência recíproca.

— *Antonia Leite*, disse-lhe Carlota Joaquina, *eu preciso que você desmoralize o Lobato. Dar-lhe-ei por esse serviço um broche de diamantes, que você escolherá na loja do Antônio Gomes.*

— *Oh! Alteza, o pagamento é excessivo por tão pequeno serviço. O sr. Lobato já é muito desmoralizado.. e desmoralizado demais. Aqui no Rio não ha quem o chame de 'madame de D. João'... Dizem coisas crespas da amizade dele com o esposo de Vossa Alteza.*

- *Já sei. Eu quero que você consiga um meio de se pôr no quarto de dormir do Lobato, lá no Palácio do*

meu marido. Esconda-se num canto qualquer debaixo da cama, detrás do guarda roupa, atrás do reposteiro, onde puder, enfim. Mas isso apenas em traje de Eva no Paraíso. Compreende?

— *É para tentá-lo, Alteza? Isso seria inútil, desisto da empresa. Já tentei conquistar esse Santo Antônio. Usei de um subterfúgio, e mandei-lhe um bilhete, dizendo-lhe que tinha umas casas para lhe vender. Como sabe Vossa Alteza, ele é um negocista danado. Apareceu-me no dia e hora marcada. Recebi-o bem, dei-lhe café, sorri-lhe com o melhor dos sorrisos.*

—*E ele*?

— *Ele, parecendo ter mola no corpo, não parava um instante, mexendo-se e remexendo-se na cadeira, estalando os dedos.*

— *Então, vamos ao negócio das casas, senhora Antonia, não posso perder tempo. O meu senhor está à minha espera no Palácio.*

— *Já vai, sr. Lobato, já vai o meu negócio das casas. Espere um pouco...*

Em seguida entrei para o quarto, despi-me toda, e chamei-o:

— *Sr. Lobato, entre aqui no meu escritório, venha ver os meus documentos antes de fecharmos o negocio...*

E Lobato, mal pôs os pés para dentro, foi por mim puxado. Arrastei-o á força.

— E depois? inquiriu curiosa a Princesa

— *Depois, atirei-o sobre a minha cama. Ele estava apalermado, tremia, batia os queixos... Fechei a porta do meu quarto de dormir, pus-me diante dele, completamente em pelo.*

— *E ele?*

— *Ele nada. Tremia, batia o queixo, e nada... Então sentei-me na cama ao lado dele, agradei-o, limpei-lhe, com uma toalhinha de linho, o suor que alagava o seu rosto. Fiz tudo o que uma doutora na arte de pescar homens pode fazer. E ele nada. Não falava. Continuava a suar frio, tremia, batia a queixada uma contra a outra.*

— *E acabou aí a história.*

— *Qual nada, Alteza acabou em tragédia. Cansada de agradá-lo ciciei-lhe ao ouvido umas palavras que o acordaram. Propusera-lhe...*

— *Já sei o que você poderia propor-lhe. Naturalmente depois de lhe ter mostrado os seus documentos das casas, perguntou-lhe si ele queria lavrar a escritura*

— *Isso mesmo, Alteza.*

— *E ele?*

— Ele acordou com as minhas propostas de negócio. Pareceu tocado por um choque elétrico[28]. Pulou na minha frente, bufando, num instante de violenta reação.

— Então foi para isso que você me mandou chamar? Suas casas são isso aí? Oh! que cachorra atrevida.

- E cresceu para o meu lado, agarrou-me pelos cabelos, e deu-me uma surra tão grande que fiquei 4 dias de cama.

— Pois bem, Antonia Leite, agora preciso que você vá ao quarto do Lobato, no Paço. Arranjarei com uma criada de que é de minha confiança, os meios de você lá entrar. Entrará disfarçada de frade.

— Com o hábito de frade?

— Isso mesmo. O Príncipe D. João irá ver o Lobato às quatro horas da tarde. Você aparecerá então e dirá quem é. Isso apenas.

— Pois bem, Alteza, mais pelo prazer de servir uma tão bondosa Princesa, do que para me vingar do homem que fez pouco nas meus negócios de casa ou para ganhar o broche de diamantes, farei o que me ordena.

[28] Aqui, Cintra comete um deslize pois nessa época não havia eletricidade no Rio e Antonia não saberia dizer o que seria um choque elétrico e não poderia ter utilizado tal termo

E foi assim que D. João, avisado pela esposa de que Lobato recebia no seu quarto, no Palácio, as visitas de uma certa mulher alegre chamada Antonia Leite, por alcunha “Lanterna”, foi verificar a veracidade da denúncia. E encontrou o pobre favorito em fraldas de camisa, diante da rapariga em traje de Eva no Paraíso.

Lobato entrara no seu quarto, e estava mudando de roupa, quando D. João bateu na porta:

— *Senhor, estou em fraldas, queira perdoar-me. Já me prepararei para recebê-lo.*

— *Abra já, Lobato, eu lhe ordeno*.

E Lobato abriu.

Mal D. João entrara, saiu de debaixo da cama a desavergonhada “Lanterna”.

— *Oh! Oh! Que cachorrice é essa, Lobato?* disse D. João. Depois, virando-se para a rapariga.

— *E você quem é*?

— *Eu sou a “Lanterna”, Alteza.*

— *E que veio fazer aqui*?

— *Venho sempre a chamado do seu Lobato.*

— *Que grande canalhice*, resmungou D. João, e saiu furioso.

No dia seguinte Lobato foi condenado por D. João a vestir-se com o hábito de franciscano, o mesmo que servira a Lanterna para penetrar no Paço, e com esse hábito, o favorito teve que passear pela cidade e pelos salões do Palácio, durante uma semana.

Depois o obrigou a casar-se com a condessa de Barreiros, viúva que gozava da fama de ter matado o marido com uma surra que lhe dera por tê-lo pilhado em flagrante delito de adultério.

E a “Lanterna” ?

A “Lanterna” esteve na cadeia apenas um dia. Foi condenada a degredo para a África. Mas Carlota Joaquina conseguiu obrigar D. João a perdoar a rapariga.

—— *Pois se ela foi chamada ao Paço...oh! João. Como queres castigá-la* ?

— *Mas o Lobato diz que tudo foi embuste.*

— *Ora, ora, e você queria que o Lobato confessasse uma coisa tão feia assim ? Só se fosse burro. . . ou bobo.*

-— *Pois seja. Perdoarei “Lanterna”.*

E a Lanterna continuou a iluminar ao noites quentes do Rio Colonial.

ꕥꕥꕥ

21 – Mulher Contra Mulher

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O assunto deste capítulo foi tirado do livro de Clemente de Oliveira “Os Tumores dos Braganças”

D. Gertrudes Pedra Carneiro Leão, esposa do Petrônio do Brasil-Reino, o adorável e donjuanesco Fernandinho, amante ostensivo de Carlota Joaquina, fora assassinada quando regressava de uma procissão promovida pelos ourives da cidade.

Depois da procissão, assistiu a uma prédica de frei Sampaio, na Igreja de S. Francisco de Paula, e regressara, à noite, para a sua casa, situada pouco adiante da ponte do Catete, perto do Palácio de Carlota Joaquina, em Botafogo.

O cocheiro da formosa e rica D. Gertrudes afirmou ter visto nas proximidades da residência, armado de trabuco, um famoso capanga de Carlota Joaquina, que também foi mais tarde capanga de José Bonifácio. Era o tal Joaquim

Orelha. Preso pelo Corregedor do Crime, foi interrogado pela polícia

— *Joaquim*, disse ao preso o Intendente, *você é acusado de ter assassinado D. Gertrudes.*

— *Não fui eu quem a matou. Foi a minha patroa, a Senhora Princesa Carlota Joaquina.*

— *E você sabe como foi isso*?

— *Ora se sei.*

— *Então vomite o acontecido.*

E o famigerado criminoso do Brasil Reino confessou como testemunha ocular:

— *Carlota Joaquina ficara fula de raiva ao saber que, na véspera, D. Gertrudes dissera a D. João que se a Princesa fosse outra vez tirar o Fernandinho de sua casa, para o levar ao Palácio de Botafogo, onde se realizavam as conversas amorosas dos dois, ela, D. Gertrudes, daria um tiro na esposa do Regente. Joaquim Orelha foi procurado pelo Felisbino, crioulo de Carlota Joaquina, que o intimou a armar-se de trabuco e ir a Botafogo. De lá, ambos, Joaquim e Felisbino se dirigiram para a residência de D. Gertrudes, onde prenderam e amarraram os escravos.*

Quando, com as duas filhas, regressou D. Gertrudes da festa religiosa, encontrou a Princesa na entrada da sua casa.

— *Você disse que me mataria se viesse buscar aqui o Fernandinho, ó Gertrudes*?

—*Disse e farei.*

— *Pois eu estou aqui à espera do seu marido para levá-lo comigo.*

— *Vossa Alteza perdeu o pudor e a vergonha.*

Ao ouvir isso, a Princesa bufou um injúria:

— *Raça de negro, você insulta a Rainha do Brasil e Portugal?*

Em seguida, virando-se para o Felisbino, que estava ao meu lado, disse-lhe:

— *Felisbino, meta o rabo de tatu nesta mulata atrevida.*

E Felisbino, que levava o chicote, levantou-o, porém foi imediatamente agarrado pelas duas filhas de D. Gertrudes. Uma delas segurou o braço do crioulo; outra meteu-lhe uma dentada na mão, tão bem dada que o chicote caiu ao chão e Felisbino berrou de dor. O cocheiro fugiu de medo.

Eu, então, de trabuco em punho gritei para a Princesa:

—— *Quer que eu atire, Senhora* ?

Nisso, D. Gertrudes virou-se para D. Carlota Joaquina, e disse-lhe de cara:

— *Vossa Alteza esta mostrando que é da má raça da Espanha.*

D. Carlota, enfurecida, avançou para D. Gertrudes:

—*Hei de ver ainda as tuas filhas no bordel da "Lanterna*".

D. Gertrudes deu um guincho de leoa ferida e então ouvi um estalo da bofetada que avermelhara a cara da Princesa. Esta, espumando de ira, gritou:

-— *Hás de ser enforcada, cachorra.*

— *Vossa Majestade, depois de ser Messalina, quer ser assassina. Mate-me, porque se estivesse armada, eu a mataria.*

A Princesa, de um salto, pôs-se junto a mim. Arrancou-me das mãos o trabuco, e fez fogo.

Ao estampido, baqueou ensanguentada D. Gertrudes, enquanto as duas filhas se atiravam juntas sobre o corpo da mãe, gritando:

- *Mamãezinha, mamãezinha...*

A Senhora Carlota Joaquina, virando-se para nós, com as feições alteradas, ordenou:

— *Sumam daqui.*

Sumimos, e eu não fiquei sabendo de mais nada.

O Intendente de Polícia, com o rosto afogueado, disse ao escrevente:

— *Sr. Escrevente, escreva que o acusado Joaquim Orelha confessou o crime*.

Depois, virando-se para o capoeira de fama, sussurrou-lhe ao ouvido:

— *Assine a confissão. Se assinar será degredado para a África; se não assinar, será morto na masmorra da ilha das Cobras*.

E Joaquim Orelha assinou a confissão.

Quando Carlota Joaquina soube da prisão de Joaquim Orelha procurou o Regente e disse-lhe:

— *João, o Joaquim Orelha foi preso e vai ser condenado por um crime que eu cometi.*

— *Foi você que matou D. Gertrudes*?

— *Fui. Ela me esbofeteou na entrada de sua casa e chamou-me de Messalina.*

— *Oh! mulher dos meus pecados, quando é que você criará juízo e deixará de fazer loucuras*?

***

Dois dias depois era posto em liberdade o famigerado capoeira e valentão Joaquim Orelha, destinado para em 1822 e 1823, junto com o caceteiro português João Miquelina, espancar os inimigos políticos de José Bonifácio, chefiando a malta dos seus capangas.

ꕤꕤꕤ

22 – Um Rasgo de Heroísmo

ARGUMENTO HISTÓRICO

Este episódio foi tirado da "História de Portugal" de Pinheiro Chagas

QUANDO D. João VI voltou a Portugal, de regresso do Brasil, entrou em conflito com o Congresso Português, reunido em cortes para a elaboração de uma Constituição, que diminuía os poderes da Realeza.

O rei jurou desde logo o pacto constitucional. Mas Carlota Joaquina recusou-se.

— *Não e não. Prefiro morrer*, dizia ela ao marido. *João, você nasceu para vestir saias. Quando os franceses vieram, humilhou-se na fuga. Acompanhei-o nessa covardia. Mas eu não era rainha. Agora que sou rainha não compreendo mais as poltronices de um Rei sem dignidade...*

- *Mas minha querida Carlota*, dizia-lhe D. João, *se não fizer a vontade do Congresso ele a mandará prender.*

- *Pois que me prenda, que me condene à morte.*

E foi para o Paço de Queluz. Lá se achava quando lhe anunciaram uma deputação do Congresso de Lisboa.

— *Não recebo essa canalha*, gritou ela enfurecida.

E os deputados voltaram, sem ouvi-la.

Então três ministros de Estado, por ordem do rei, foram intimá-la a jurar a Constituição, com a ameaça de prisão e deportação, em caso de recusa.

— *Viemos aqui em nome de el-rei, o augusto esposo de Vossa Majestade, para a convidar a prestar o juramento constitucional.*

— *Não juro coisa alguma. Já mandei dizer a esse rei de bobagem que não jurava. Já expulsei daqui os deputados que vieram com essa mesma intimação. E se vier o próprio rei, senhores ministros, eu farei o mesmo que faço aos senhores. Queiram retirar-se daqui.*

Diante dessa obstinação, o Congresso promulgou e o rei sancionou o desterro para longe de Portugal da rainha que se não humilhara em jurar uma Constituição que diminuía os poderes da Realeza.

Nas águas do Tejo, de velas pandas, balouçava como um grande pássaro de asas aprumadas para o voo, a "*Pérola*", que deveria levar Carlota Joaquina para longe de Portugal, do seu marido e dos seus filhos.

Diante dessa pertinácia, recebeu a rainha a ordem do exílio, levada pelo presidente do Conselho. E no dia seguinte escreveu a D. João a seguinte carta, que a História de Portugal registrou:

Senhor

Recebi em noite passada, por mão de um de vossos ministros, a ordem para sair dos nossos Estados.
Eu vos perdoo, eu me compadeço de vós do fundo do coração. Todo o meu desprezo, todo o meu ódio, serão reservados para aqueles que nos cercam e que vos enganaram.
Eu serei mais livre no desterro que vós no vosso palácio. Levo comigo a Liberdade. Meu coração não está escravizado. Ele nunca se humilhou na presença de vassalos rebeldes, que ousaram impor-vos leis, e que queriam forçar-me a um juramento que a minha consciência rejeitava.

O mundo dirá — a Rainha conservou intacta a Majestade do diadema.

Partirei. Mas para achar um lugar de descanso, onde dirigirei livremente os meus passos. O país do meu nascimento, como o vosso, é preso do espírito da revolução.

Meu irmão, como vós, é um cativo covarde.

Aquele que reina sobre os reis, vigie sobre vós e confunda vossos inimigos.

Carlota Joaquina de Bourbon.

Nesse dia, Carlota Joaquina de Bourbon foi de facto uma heroína.

ജ്ഞജ്ഞജ്ഞ

23 – A Morte de D. João

ARGUMENTO HISTÓRICO

Este episódio foi tirado da "História de Portugal" de Pinheiro Chagas

O rei, naquela tarde, tomou um bom e suculento prato de sopa. Logo depois sentiu um ardor no estomago. Parecia ter dentro da barriga uma fornalha acesa.

Chamou, gritou pelo médico do Paço, e quando este chegou, queixou-se o desventurado D. João VI.

— *Ah! Doutor, desta vez eles me pegaram de verdade. Escapei-me de muitas. Mas desta...*

— *Majestade, isso é uma indisposição gástrica.*

— *Isso é veneno, doutor...*

E vomitou umas coisas cheias de gosma e sangue. Foi para a cama.

A Corte, alarmada, interessou-se, comovida, pelo monarca moribundo. O veneno fizera efeito.

— *Quem lhe teria dado o veneno*? perguntava o embaixador inglês ao ouvido do Núncio Apostólico.

— *Chi lo sa*? respondeu o prelado italiano.

— Dizem que foi o médico, a mandado da Rainha, murmurava ao lado um palaciano.

-— *Outros dizem que foi a mandado do Príncipe D. Miguel*, cochichava o camareiro.

O caso é que D. João ia morrendo, sempre murmurando, entre soluços, que daquela vez ele estava frito. . .

***

A verdade é que tinham mesmo envenenado o infeliz D. João VI.

Aquele veneno misterioso resistira a todos os antídotos que a medicina do tempo podia aplicar.

Amanhecera o dia 10 de Março de 1826. Dia triste e chuvoso, segundo rezam as crônicas. El-rei estava nos últimos instantes de sua atribulada vida. Veio o confessor, deu-lhe a extrema-unção.

— *Padre*, disse-lhe o soberano, *acha que escaparei do inferno*?

— *Majestade*, respondeu-lhe o confessor, *quem teve um inferno em vida como el-rei D. João VI, não poderá deixar de ser acolhido no céu.*

— *Realmente, padre, a minha vida foi um inferno.*

***

E talvez nesse instante passasse pela imaginação do Rei todo o seu passado.

Segundo filho de Maria I, mal visto pela mãe, desprezado pelo irmão D. José, que era o herdeiro do trono, todos o maltratavam. Nem nas festas do Palácio o pobre principezinho aparecia.

Numa tarde, morreu o herdeiro do trono, o príncipe D. José. Acusaram-no de ter envenenado o irmão mais velho para herdar a coroa. Entretanto, o coitado nem coragem tinha para matar uma mosca.

Depois morreu em consequência de uma agressão misteriosa o ministro todo poderoso que governava o Reino.

— *Quem lhe aplicara a surra assassina? Quem*?

— *D. João*, murmurava o povo inteiro.

E não fora ele.

Depois assumiu o governo por ter enlouquecido a mãe. Desde então seu martírio não teve interrupção; guerra com a mulher; guerra com a nobreza; guerra com Napoleão; guerra com o filho D. Pedro, no Brasil; guerra com o filho D. Miguel, em Portugal. Pobre D. João.

***

— *Padre, estou perdoado por Deus*? balbuciou o rei ao confessor.

— *Deus o receberá, majestade.*

E D. João, beijando o crucifixo que lhe apresentara o padre, fechou os olhos.

Fechou os olhos e descansou, encontrando a felicidade somente na morte.

ಬಙಬಙಬಙ

24 – Os Amores e Crimes de uma Rainha

ARGUMENTO HISTÓRICO

> O assunto deste capítulo foi tirado do livro de Clemente de Oliveira "Os Tumores dos Braganças"

Os amores e os crimes de Carlota Joaquina dão um emocionante romance. Carlota Joaquina amou, amou com esse amor trágico, ardente e indomável das espanholas.

Casada aos dez anos, teve como marido um pobre rapaz, quase imbecilizado. Encontrou em Lisboa uma rainha louca e cortesãos devassos. Sem o carinho do esposo, frio, covarde, moleirão, foi como borboleta tonta, queimando as azas no fogo de amores passageiros.

Nunca se entregou decididamente a um só homem, dizia ela, para que não apanhasse como sua mãe, rainha da Espanha, apanhava do amante Antônio Godoy.

Quando sua filha Maria Thereza, viuvinha de 18 anos, se entregou aos prazeres de amores proibidos, chamou-a para lhe dar conselhos:

— *Minha filha*, disse-lhe ela, *eu amei como mariposa e como mariposa vou morrer nas*

labaredas dos meus amores. Não siga o meu exemplo. Trate de casar-se...

Ela já estava condenada à morte com um câncer no útero.

— *Case-se, Maria Thereza, case-se, mas siga os ditames do coração. Você é viúva e rica. Procure um homem do seu agrado, príncipe ou lacaio, e case-se...*

A princesa Maria Thereza seguiu o conselho materno e casou-se bem na Espanha. Seu marido, além de príncipe, era um rapagão forte e bonito, ardoroso soldado já experiente nas grandes aventuras do amor...

De uma feita, Carlota Joaquina, recostada num divã, conversava com a sua dama de companhia sobre os homens que mereceram a sua atenção:

— *Sabes, Maria Josepha, o meu primeiro amor foi o Marialva. Magnífico. Soberbo. Forte. Cavalheiresco.*

— *E lord Beckford*?

— *Esse era um inglês afidalgado na aparência, um lacaio sórdido, por dentro...*

— *E vossa majestade conheceu bem o general Junot*?

— *Um sargentão, tanto quanto o general Lannes. Ambos me arrastaram as asas, quando sucessivamente foram, em Lisboa, embaixadores*

de França. O general Lannes era um fanfarrão. Valente soldado, mas pusilânime amoroso. O Junot foi pilhado em flagrante delito pela esposa. Dei-lhe umas taponas na presença do marido.

— *Nunca apreciei franceses*, observou a Josepha.

— *Olhe, Maria Josepha, esplêndido rapaz era o jardineiro do Ramalhão. Matei-o por me ter dado uma surra...*

— *E o João Santos, majestade*?

— *Também um rapagão. Embora tivesse sido moço de cavalariça, eu o civilizei em pouco tempo e ficou um fidalgote apreciável.*

— *Vossa Alteza foi como a mariposa...*

— *Era o meu destino. Amei também o almirante Sidney Smith. Coisa de pouco tempo. Depois veio o Dr. José Prezas, espanhol devasso, audacioso ladrão... Roubou-me 50.000 pesos antes de ser expulso do Rio de Janeiro pelo Regente.*

— *Nenhum dos seus amigos excedeu ao Fernandinho, não é, majestade*?

— *Oh! Nunca pude gostar do Brasil, mas o Fernandinho encheu o meu coração com o seu amor. Detestei o Brasil, mas confesso que não há amor igual ao do brasileiro.*

***

Pobre Carlota Joaquina. Amou demais e sonhou demais. Nos arrancos dos sonhos de amor e de poder, sacrificou muitas vidas. Nos seus últimos tempos, os fantasmas de suas vítimas deveriam atormentar lhe a consciência.

Quantas pessoas teriam sido mortas direta ou indiretamente pela filha de Carlos V de Espanha? Seria difícil dizê-lo.

O Intendente Cardoso, o conde de Casa Verde, o Marquês de Loulé, o jardineiro de Ramalhão, D. Gertrudes Carneiro Leão e dizem que até o pobre D. João VI.

ꕤꕤꕤ

25 – A Morte de Carlota Joaquina

ARGUMENTO HISTÓRICO

O assunto deste capítulo foi tirado do livro de Alberto Pimentel "A Última Corte" e da biografia de C. da Silva "Carlota Joaquina"

Nos seus últimos tempos, diz o historiador Alberto Pimentel, no livro "A Ultima Corte", a rainha Carlota Joaquina era um farrapo de gente. Vivia no mais completo abandono de si e dos outros.

Tivera grandes sonhos e todos os seus sonhos se transformaram em nuvens negras de borrascas e tempestades. Andava mal vestida, suja, com um gibão de chita e uma fita de musseline na cabeça.

Acocorada numa esteira, seu único prazer era manejar a guitarra e cantar. Cantava o dia inteiro. Suas cantigas prediletas eram umas trovas que ouvira de uma cigana, e que se tornaram muito populares, começando com esta quadrinha:

En porfias soy manchega
Y en malícia soy gitana
Mis intentos y mis planos
No se me quitan del alma.

Aproximava-se o fim dessa mulher de sangue azul que fora tão decidida, tão valente, orgulhosa e audaz. Sua fortuna pessoal estava reduzida a quase nada. O seu dinheiro foi quase todo gasto na política, chegando até a fazer dívidas para tentar por no trono D. Miguel, filho do jardineiro de Ramalhão, que ela matara.

Sentindo-se no fim, chamou o crioulo Felisbino, que lhe foi fiel até a morte.

— *Felisbino*, disse a Rainha, *meu mal é de morte. Velha, doente e pobre, eu quero sucumbir com o orgulho da minha raça. No quero morrer deitada. Uma rainha deve apresentar-se diante da morte com dignidade de soberana. Traga-me aquele pacotinho de fibras de diamba do Amazonas, com que despedimos para o Inferno tantos inimigos.*

— *Senhora*, disse o crioulo, *ninguém amou tanto Vossa Majestade como eu. A senhora Carlota Joaquina foi a minha devoção, foi a minha santa na terra. O mesmo veneno que Vossa Majestade quer para morrer, quero-o eu também. Acompanharei Vossa Majestade para o outro mundo...*

Carlota Joaquina olhou para aquele crioulo, filho de espanhol com preta, que fora o único homem que a amara com desinteresse e com dedicação e que nunca a abandonara. Depois, baixando os olhos cheios de lágrimas, disse ao seu ex-escravo Felisbino:

— *Vá, Felisbino, vá fazer o meu chá.*

Em seguida chegava o confessor. Era ele o frade beneditino frei João de S. Boaventura, inimigo dos liberais tão feroz, que de uma feita gritara do púlpito:

> *“Constituição para que? Os liberais são filhos do diabo, são pedreiro livres, mações malditos. Extirpemo-los da face da terra. Matemo-los nos cárceres, nas forcas, e com veneno, nas suas próprias casas.”*

— *Frei João*, disse-lhe Carlota Joaquina, *quero que me absolva. Meus pecados se resumem em poucas palavras: amei por ser espanhola; matei por ser espanhola; sonhei por ser espanhola; lutei por ser espanhola e como espanhola quero morrer, pedindo o perdão de Deus.*

— *Senhora, Deus ouvirá seus rogos de perdão, se pecou. Deus a receberá no seio da paz eterna....*

***

Em 7 de janeiro de 1830 faleceu Carlota Joaquina. O seu criado Felisbino extinguiu-se no mesmo dia, tendo ingerido o mesmo chá de fibra de diamba com arsênico.

Ao sentir os primeiros sintomas do veneno, Carlota Joaquina, sem dor nenhuma, porque a fibra de diamba anestesiava o organismo, tomou da guitarra e cantou:

En porfias soy manchega
Y en malícia soy gitana...

Não terminou. Fechou os olhos, sentada numa cadeira, com o rosto pintado, e vestida com um rico vestido preto de gorgorão de seda. Quis morrer sentada e cantando, recebendo a morte sentada como rainha e cantando como espanhola...

Seu atestado de óbito foi hidropisia, pois lhe crescera o ventre pela ação do veneno.

***

Na missa do sétimo dia, o beneditino frei João de São Boaventura pregou, no púlpito, famoso sermão, cujo fim os cronistas da rainha registraram:

> *"A rainha morreu ao 55 anos como tinha vivido, cheia de fé, de fortaleza, e de resignação. Ela deve estar, ó meu Deu, no seio de vossa misericórdia; e nossa esperança é fundada no seu heroísmo, heroísmo apurado em crises desastrosas da sua vida."*

Sepultada na igreja modesta de Penaferrim, somente em 1850 foram os seus restos mortais transportados para o Pantheon de S. Vicente, onde ainda se acham.

ஐஐஐ